



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
CURSO DE ANTROPOLOGIA

ANN DE BEM SILVA

Transvestir-se: uma etnografia do fazer-se si pelo vestir de pessoas não binárias.

FLORIANÓPOLIS

2025

ANN DE BEM SILVA

Transvestir-se: uma etnografia do fazer-se si pelo vestir de pessoas não binárias.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Antropologia Campus Florianópolis da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador(a): Dr. Rafael Victorino Devos

FLORIANÓPOLIS

2025

Silva, Ann de Bem

Transvestir-se: uma etnografia do fazer-se si pelo vestir de pessoas não binárias. / Ann de Bem Silva ; orientador, Rafael Victorino Devos, 2025.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Não Binário. 3. Roupas. 4. Antropologia do Objeto. 5. Gênero. I. Devos, Rafael Victorino. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Ann de Bem Silva

Transvestir-se: uma etnografia do fazer-se si pelo vestir de pessoas não binárias.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Antropologia.

Florianópolis, 08 de Julho de 2025.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.(a)

Orientador(a)

Prof.^a Alinne de Lima Bonetti, Dr.^a

Instituição UFSC

Prof. Lino Gabriel dos Santos, Ma.

Instituição (PPGAS UFSC/ IFSC)

Florianópolis, 2025.

Para minha mãe, Maria Tarcila, te amo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente minha mãe, Maria Tarcila Silva, por ter sido a figura que me moldou como pessoa, sendo exemplo de empatia, resiliência e inteligência emocional, por ter sempre sido compreensiva com minhas aspirações, incentivando-me a persegui-las, por me aceitar por quem sou. E pelo carinho, amor e companhia de sempre. Agradeço também a minha falecida avó materna, Ana Marcelo da Silva, que apesar das diversas diferenças, me apoiou da maneira que pode, demonstrou a mim o valor da educação. Sem essas duas mulheres não poderia ter acessado o espaço da universidade, espaço que não foi acessível a nenhuma das duas, mas fizeram o possível para eu que fosse a primeira pessoa da família a se formar.

Agradeço meu parceiro, Matheus, pela companhia, suporte, incentivo e carinho durante os anos da minha graduação, sua presença foi essencial para mim.

Agradeço a Lis e Hamilton que me ensinaram tudo que sei sobre arquivos, onde aprendi a gostar tanto deste ofício, e pela companhia e ajuda que tive, serei sempre grato.

Agradeço aos meus colegas de curso e bloco que me acompanharam pelas trocas, conversas e companhia, dentre eles Vitoria, Priscila, Lívia, Jo, Iago, Hannah, Arielle, Sofia e Aleixo.

Agradeço ao corpo docente que me deu aulas, dentre eles Flávia, Alline, Alexanda, Viviane, Bruno, Caetano, Antonella, Gabriel, Jeremy, Maria, Miriam, Silvia e Vânia, pelo conhecimento e pelo espaço seguro para a partilha e aprendizado. Agradeço em especial a Alline e Alexandra por me acompanharem durante o projeto e escrita deste trabalho, o incentivo, instrução e acolhida de vocês foi essencial para realização deste.

Ao meu professor de muitas disciplinas e orientador, Rafael, sua forma de ensino e seu incentivo à pesquisa foi essencial para minha formação. E por todas as reuniões, comentários e risadas que me ajudaram a realizar este trabalho.

Dani, Christiane, Mica e Aiden, sem vocês esse trabalho não existiria, obrigado por me ajudarem a trazer mais vozes não binárias para a antropologia.

“No one can be fully aware of another human being unless we love them. By that love we see potential in our beloved. Through that love we allow our beloved to see their potential. Expressing that love, our beloved's potential comes true. (HANNIBAL. “Shiizakana”. Bryan Fuller. NBC, 2014)

RESUMO

Neste trabalho busco entender como é a relação de pessoas não binárias da grande Florianópolis com suas roupas. Em uma Etnografia realizada por mim, também pessoa não binária, com meus interlocutores Aiden Rwol, Christine, Dani, e Mica, por meio de entrevistas semi estruturadas, apresento descrições e citações de meus interlocutores, a respeito de suas peças e montagens preferidas. Levanto questões que meus interlocutores me trouxeram, sobre como as roupas e o aprendizado que envolve a prática de se vestir atravessam e fazem parte da construção da subjetividade e vivência de pessoas não binárias, em uma interseção da Antropologia do Objeto e Antropologia do Gênero.

Palavras-chave: Não binário; Roupas ; Antropologia do Objeto; Gênero.

ABSTRACT

In this work, I seek to understand the relationship between non-binary people in the greater Florianópolis area and their clothes. In an ethnography conducted by me, also a non-binary person, with my interlocutors Aiden Rwol, Christine, Dani, and Mica, through assemsemi-structured interviews, I present descriptions and quotes from my interlocutors regarding their favorite pieces and assemblies. I raise questions that my interlocutors brought to me about how clothes and the learning that involves the practice of dressing permeate and are part of the construction of the subjectivity and experience of non-binary people, at an intersection of the Anthropology of the Object and the Anthropology of Gender.

Keywords: Non binary; Clothes; Anthropology of Objects; Gender.

GLOSSÁRIO

Binder - É um peça de roupa que tem a função de diminuir o volume dos seios e trazer a quem usa uma aparência de peito liso. Estruturalmente é similar à cinta modeladora, pois consiste de uma faixa de tecido firme e elástica que é fechada por vários ganchos, tendo ajuste que permitem a que veste usá-lo de forma mais apertada ou menos. Alguns binder consistem de apenas uma faixa, outros são maiores similares a um colete, que são mais firmeza a pessoas com seios maiores. Essa peça é comercializada no Brasil principalmente ao público de homens trans, trans masculinos, não binários e em alguns casos lésbicas e mulheres cis. Devido a sua característica compressiva, a indicação é de no máximo 8 horas diárias de uso, é recomendado não realizar exercícios físicos com essa peça ou dormir, pois um uso excessivo da peça pode gerar dores no peito e outros efeitos colaterais.

Cis - Pessoa que se identifica com o gênero associado ao seu nascimento dentro de um sistema binário que identifica apenas homem e mulher como as duas possibilidades de biologia e comportamento. Exemplo: pessoa que nasce com vagina e útero e se identifica como uma mulher. Pessoas que nascem intersex são excluídas dessas categorias, pois seu corpo é diferente das categorias percebidas como homem ou mulher.

Drag Queen - É uma expressão artística associada à comunidade LGBTQ+, onde o performer usa dos estereótipos de gênero para criar um personagem. As duas expressões mais comuns dessa prática são as Drag Queens e Drag Kings, onde o performance usa dos estereótipos associados a mulheres e homens, para realizar uma montagem: por meio de maquiagem, roupas, entonação da voz e gestual corporal. No entanto, não se limita a essas referências, alguns artistas utilizam monstros ou outros arquétipos para criar suas Drags. No Brasil, esta prática está mais associada ao entretenimento: a música, com cantores como Pablo Vittar; a séries de televisão como RuPaul's Drag Race; canais educativos como o de Rita von Hunty; e performances em estabelecimentos noturnos, clubes de comédia etc... Esta prática não deve ser confundida com identidades de gênero ou orientações sexuais, realizar uma Drag não tem nenhuma relação com as subjetividades do performer. A associação com a comunidade LGBTQIA+ advém tanto da percepção do público geral cis heteronormativo de confundir Drags com pessoas trans, mas também de uma particularidade do contexto brasileiro, o de ser mais comum ver homens cis gays realizando Drags, assim como outras pessoas LGBTQIA+ do que pessoas cis realizando a prática.

Gênero - Neste trabalho entendo gênero segundo Judith Butler, em qual gênero é performatividade, uma repetição e um ritual realizado através de atos culturalmente

localizados em um tempo e espaço, assim sendo algo que é aprendido, criado, e mutável. Saliento também o sistema sex/gênero/desejo da sociedade ocidental, onde biologia-é-destino, dado como natural e único caminho possível para o corpo, qual Judith Butler aponta como a percepção do que um corpo neutro fora da cultura, também é parte do sistema sexo/genero.

LGBTQIA+ - Sigla guarda chuva das expressões de gênero e orientações sexuais fora do padrão cis heteronormativo. Onde as letras significam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais. A sigla + significa a abertura para demais identidades além das descritas na sigla. O uso dessa sigla é utilizado para descrever os indivíduos dentro dela como uma comunidade que compartilha de experiências e pautas políticas conjuntas.

Não Binário - Pessoa que se vê fora do sistema de gênero binário. Segundo Aleixo Fonseca Bueno dos Santos é uma *identidade fronteira*, uma desobediência da cisnormatividade e colonialidade.

Trans - Pessoa que não se identifica com o gênero atribuído ao nascimento baseado no sistema binário.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 ELEFANTE NA SALA.....	13
1.2 CAPÍTULOS.....	15
2 ENTREVISTAS.....	16
2.1 BAILARINO EMO - Dani.....	17
2.2 HOMEM ARANHA - CHRISTINE.....	22
2.3 FREAK CIRCUS - MICA.....	33
2.4 HOW’L MOVING CASTLE - AIDEN ROWL.....	40
3 CONCLUSÃO.....	46
3.1 FORMAS DE RELAÇÃO E AGÊNCIA DAS ROUPAS COM OS INTERLOCUTORES.....	46
3.2 QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES A PARTIR DO CAMPO.....	52
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro capítulo apresentarei minhas motivações para esse trabalho, e suas mudanças com a realização do campo, a bibliografia que utilizei para dialogar com os temas e interlocutores, e como as utilizei, a metodologia para a realização desse campo, uma introdução aos interlocutores, e por fim uma síntese dos capítulos a seguir deste trabalho.

Foi durante meus primeiros semestres, dentro de meu quarto, em meio as aulas à distância devido a pandemia que fui impregnado pela ideia de estudar sobre roupas. Decorrente de muitas noites consumindo compulsivamente esse tipo de “conteúdo” que corrói a concentração, em forma de vídeos de curta duração, na plataforma chinesa que ganhou significativa base de usuários durante a pandemia, o TikTok, e não muito tempo depois por vídeos de duração mais longa porém não menos estimulantes, no YouTube, análises de coleções de moda, antigas e novas, sobre roupas, marcas e as pessoas que as usam ou não usam, germinava uma semente misteriosa em mim, que até o momento era inominável. Ela fazia eu me questionar sobre o que se passava comigo ou melhor, o que era esse eu com quem convivia. Durante minha graduação tive interesse nas disciplinas acerca de gênero e o que mais envolvesse este tópico, porém dois assuntos me fixaram tal como o tubarão conservado dentro da resina de Geertz,¹ a imagem e o modo como as pessoas fazem as coisas, tal como me introduziu meu orientador, Rafael Devos. De certa maneira sempre encontrava os dois juntos, mesmo que separados, pois mesmo ao fazer imagem é preciso pensar muito em como as pessoas fazem as coisas. Mesmo a imagem que produzimos em uma câmara fotográfica, pois mais inorgânica e automática pareça perto de um retrato produzido entre as relações dos dedos de um artistas com o lápis e o papel, a sensibilidade de criar pelas lentes uma imagem é equivalente a sensibilidade de um desenhista ao mover seus braços, sentindo como o grafite se desgasta sobre o papel e assim cria uma nova coisa, e não somente uma reprodução. Por mais que os textos sobre gênero que li nas disciplinas cursadas sobre gênero, e os demais que leria depois, muitas vezes não possuíam ilustrações, fotografias ou qualquer imagem, a graduação me aproximou muito do gênero como imagem, imagem de como as pessoas fazem as coisas, fazem esse tal de gênero. Seja nas minhas conversas no CFH, ou nas minhas voltas no centro com colegas, foram regando essa semente, ao ver como as pessoas se apresentavam e eram reconhecidas por como se vestiam, e também ia descobrindo quem eu era também e o que era, através do qual aprendi a remodelar minha imagem. Não pretendo trazer qualquer afirmação de equivalências de gênero com imagens, mas sim salientar como essa relação foi

¹GELL, Alfred. “A rede Vogel: armadilhas como obra de arte e obras de artes como armadilhas”.

um processo essencial a me instigar a minha pesquisa, processo que atravessou minha transição a me tornar uma pessoa não binária e a descoberta de meu lugar na graduação.

Antes de iniciar, desejo expressar como pensei sobre a ética e responsabilidade ao escrever este trabalho. Minha proposta se aproxima mais de uma reflexão conjunta das experiências em conversa com meus interlocutores do que a busca por respostas conclusivas sobre as questões que surgiram neste campo. Não posso me omitir das minhas subjetividades neste trabalho, pois foi esta mesma que o originou, mas queria pontuar que não tenho a intenção de tentar esmiuçar as experiências de meus interlocutores para busca de um sentido para a academia sobre pessoas não binárias, mas sim a partir da oportunidade que me foi dada por eles tentar conceber uma forma de tornar acessível a outras pessoas não binárias, trans e cis algumas das experiências que eles me descreveram. Apesar de essa explicação pareça desnecessária, necessito colocar a responsabilidade que possuo nesta produção, e apresentar um ponto entre meu leitor e meus interlocutores, pois tenho a ciência que o que escutei e vi em campo não seria facilmente transmitido e compreendido a alguém que não teve as mesmas experiências ou não conviveu com alguém que as teve. Tenho a intenção que meu leitor possa não apenas conhecer meus interlocutores, mas entender e sentir, dentro dos meus limites e deste trabalho, a experiência de pessoas não binárias através da vestimenta.

1.1 ELEFANTE NA SALA

Vejo como necessário tratar do elefante na sala, ou mesmo introduzi-lo aos leitores que ainda não encontraram este mamífero quadrúpede que é o gênero das roupas. Mas que gênero das roupas? Roupas não seriam pedaços de tecido que usados para cobrir o corpo a fim de protegê-lo das condições do clima ou de impedir que alguém vire réu do DECRETO-LEI Nº 2.848, de 7 de dezembro 1940, mais conhecido como atentado ao pudor? Na verdade, mesmo a qualidade de “ser” tecido é muito questionável, pois roupas podem não apenas serem feitas de fibras naturais, de origem animal como lã ou de plantas como a palha, como de petróleo que faz a borracha dos chinelos, e mesmo metal, e não apenas as matérias primas, mas já outros subprodutos destes podem constituir esse “tecido” como os lacres de latas de garrafa de refrigerante porém serem usadas como malha para uma peça.

Gilles Lipovetsky afirma que a partir de 1350 existe uma mudança das estruturas dos trajes “masculinos” e “femininos” sexualizando a distinção entre os trajes como nunca antes, no entanto essa divisão de águas ocorre séculos antes do surgimento do que Gilles aponta

como “degeneração da moda masculina”. A atual ideia de que uma vestimenta masculina seria sóbria, de cores escuras e neutras, simbolizada por ternos e cortes retos é recente. (LIPOVETSKY, 1987)

Butler exemplifica isso em *Gender Trouble*, onde aponta que “Gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente deferida, nunca sendo totalmente o que é em qualquer momento dado no tempo.”² (BUTLER, 1999, p.22). Portanto, apesar de não identificarmos como ou mesmo não entendermos de que forma determinadas peças eram consideradas masculinas ou femininas em épocas diferentes, isso não anula o fato de que historicamente as roupas eram objetos generificados, tanto quanto os corpos.

Seria inocente supor que as roupas pudessem escapar do sistema da moda, pela simples constatação de sua materialidade, e pela atual maior “flexibilidade” dos indivíduos em utilizá-las em determinadas circunstâncias. Atualmente, dentro do contexto brasileiro, é comum ver mulheres usando calças, e mesmo homens usando maquiagem, como o influenciador Alessandro Pierozan, mas até que ponto isso é um sinal direto do que seria uma dissolução do gênero nas vestimentas? Porque então os uniformes de empresas de escritórios não são vestidos para homens e mulheres, porque são em maioria calças sociais, camisas e blazers? Isso não para mulheres apenas, mas em geral? Por que a associação de uma moda genderless e androgena é associada a roupas largas, de corte reto, cores opacas?

Lipovetsky adverte contra a ilusão dessa dissolução, afirma que apesar de atualmente ainda existirem vestimentas tradicionais e designers que criam peças *avant garde* em suas coleções, isso não age de forma pungente na maioria da população. Ele afirma que agora as mudanças estão nas sutilezas, no corte, que passe despercebido pela maioria, “[...] na realidade a moda não deixa de organizar signos diferenciais, por vezes menores, mas não inessenciais, num sistema em que precisamente é “o nada que faz tudo”. (LIPOVETSKY, 1987, p. 112).

Apesar de Lipovetsky falar muito pouco sobre pessoas trans, proponho uma reflexão, se realmente as peças não tem gênero, por que homens cis heteronormativos, que não são influencers, ou artistas, não usam vestidos no dia a dia? Ou por que existiu uma comoção quando o cantor Harry Styles usou um vestido na capa da *Vogue*, sendo que David Bowie décadas antes foi muito além dos estereótipos do que poderia ser a performatividade de homem cis em sua época?

² Tradução livre do autor. Original em inglês: “Gender is a complexity whose totality is permanently deferred, never fully what it is at any given juncture in time.”

Apesar de não ser o objetivo do trabalho reunir uma bibliografia e demonstrar como já tantos autores trataram da temática do gênero nas roupas, vejo como necessário introduzir o debate, mesmo que de forma breve, aos leitores que não tiveram ainda o contato com essa temática, e àqueles que estão já familiarizados, afirmar o meu interesse de não discutir isso de forma aprofundada.

A demais, aproveito este espaço para também esclarecer um termo que utilizarei neste trabalho, *montagem*. Utilizarei montagem para me referir a um conjunto de peças utilizadas, seja em uma foto ou em um evento, por exemplo “interlocutor fictício Netuno usou uma saia azul mid, uma regata de alcinha branca, chinelos brancos, um colar de corrente dourado e brincos de argola dourado”, isso seria uma montagem, *o conjunto destas peças*. Escolhi esse termo porque me lembrei de como Drags³ falam do processo de de vestirem para suas apresentações e também como pessoas da área da moda dizem que vão *montar um look*, e como meu orientador também me apontou mais tarde, montagem é um termo utilizado no cinema para cortar e rearranjar gravações para um filme. Preferi não usar o termo look pois pensei que este está muito atrelado a Moda como uma indústria e seu campo de estudo, e este não é um estudo sobre moda, e sim sobre pessoas. Pensei na montagem das Drags por um motivo íntimo, para a pessoa que performa a Drag se montar, não é apenas se maquiar vestir a roupa, é construir esse personagem, não como um ator, mas de forma íntima, como muitas Drags muitas vezes tem apenas um personagem que lhes acompanha em toda sua carreira. Penso que não apenas pessoas não binárias realizam suas montagens, como outras pessoas cis e trans, como um processo íntimo, não apenas sobre a combinação de peças e suas qualidades estéticas e utilitárias, mas sobre sua subjetividade e historia.

1.2 CAPÍTULOS

No capítulo 1, a introdução, apresento como surgiu meu interesse no tema deste trabalho. No 1.1 apresento ao leitor a questão da marcação de gênero nas roupas. No 1.2 apresento os capítulos deste trabalho. No capítulo 2, entrevistas, apresento minha metodologia na realização de minha etnografia, e nos subsequentes subtítulos dentro deste capítulo, as entrevistas com meus interlocutores no 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4. No capítulo 3, a conclusão, a segmento em duas partes, com a 3.1 tratando das diversas formas de relação e agências que as

³ Esclareço que não é minha intenção associar trans e e Drags como uma categoria, saliento que trans é uma identidade de gênero e Drag é uma performance artística. Minha referência a Drag é exclusiva ao termo montagem, para mais informações sobre o que é Drag e trans, verificar o glossário na página 9 e 10.

roupas têm com os interlocutores e a 3.2 dos questionamentos e reflexões gerados por esse campo

2 ENTREVISTAS

Neste capítulo, apresentarei as entrevistas com Dani, Christine, Mica e Aiden Rowl, por meio de descrição e citações de suas falas. Por indicação de meu orientador, seguirei um método de entrevista semi-estruturadas, onde preparei perguntas prévias, porém por meio de observação participante (Ingold, 2018) adaptava minhas perguntas durante a entrevista seguindo o que o interlocutor me dizia (Goldman, 2004).

Primeiramente entrei em contato com pessoas da UFSC que são não-binárias; entrei em contato com Dani, que já conhecia e aceitou minha proposta. Pedi a ele recomendações de quem poderia dar entrevistas na UFSC.

Após refletir sobre isso, pensei que entrar em contato com pessoas não-binárias pelo Instagram pudesse ser mais bem sucedido e me permitisse encontrar diferentes experiências, além da vivência de universitários. Procurei por pessoas não binárias da Grande Florianópolis, não buscava uma faixa etária ou etnia específica, mas as pessoas que aceitaram participar de minha pesquisa tem entre 20 e 30 anos, todes brancos.

Em meu primeiro contato, apresentava-me como estudante de Antropologia e apresentava minha pesquisa por uma frase curta, perguntando se a pessoa tinha interesse em participar. Se a pessoa aceitasse, lhe mandava uma maior descrição de minha pesquisa e perguntava se tinha alguma dúvida e se ainda tinha interesse em participar, se tinha eu perguntava como seria a melhor forma de realizar uma entrevista.

Dentre as perguntas que preparei para as minhas entrevistas com base nos objetivos de minha pesquisa estão:

Como você aprendeu a se vestir ? Ser uma pessoa não binária afetou sua maneira de vestir? Como você escolhe o que irá vestir? O que influencia em sua decisão? Tem algum tipo de roupa específica ou tecido/corte tecido que você costuma-se usar?

Não necessariamente realizava todas as perguntas, às vezes os interlocutores respondiam a elas sem que eu tivesse de lhes perguntar. Também procurava prestar atenção no que lhes parecia mais importante, assim como fatos e termos que seriam subjetivos para elus. Enquanto os entrevistava tinha em mãos meu caderno de campo, onde realizava anotações curtas em poucas palavras para que pudesse voltar a elas, desta forma minhas perguntas surgiam em minhas anotações a partir do que me era compartilhado.

A relação de cada interlocutor com as roupas é entrelaçada com suas próprias vivências e sua própria percepção, que também é subjetiva. O método de entrevistas semi-estruturadas me permitiu focar em meu objetivo sem deixar de lado pontos importantes.

Avaliando posteriormente, refleti sobre minha decisão de achar e entrar em contato com os interlocutores pela minha conta pessoal do Instagram, pois seu algoritmo estaria adaptado para realizar sugestões alinhadas aos perfis que buscava. Admito que esta decisão afetou este trabalho, e que em futuros trabalhos seria necessário pensar em outros métodos para entrar em contato com os interlocutores. Se fosse criada uma conta nova apenas para este trabalho, teria poucas ou nenhuma chance de entrar em contato com alguém pois uma conta nova e com nenhum ou quase nenhum seguidor não traria confiança, já a minha conta pessoal segue perfis da UFSC e permitiu a quem recebeu meu convite visualizar minha página e ver quem mais seguia para se decidir.

Acerca do consentimento dos interlocutores na publicação de suas informações pessoais: de seus nomes; perguntei a eles preferiam que fossem utilizados seus nomes ou de forma anônima, também enviei a todos eles o trabalho completo para que pudessem apontar partes que não se sentiam confortáveis de estar no trabalho.

Em relação a localização sociodemográfica dos interlocutores, não busquei me aprofundar em sua situação econômica, educação parental, religião e outros marcadores... porque não queria abocanhar mais do que poderia mastigar, pois queria focar apenas na questão central deste trabalho. Apesar disso acredito que trabalhos futuros do mesmo tema se beneficiariam tendo esses dados. Assim os únicos marcadores deste trabalho são a etnia, todos brancos, e faixa etária todos entre 20 e 30 anos.

2.1 BAILARINO EMO - DANI

A primeira pessoa que entrevistei foi Dani, graduando em Ciências Sociais na UFSC e participante do NIGS. Ele era uma pessoa que eu já conhecia, pois tanto o curso de antropologia como o de ciências sociais são realizados no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Também já havia visto e escutado em apresentações do NIGS e do curso. Entrei em contato com ele pelo Instagram, no dia 19 de abril de 2024, apresentando minha proposta, ele aceitou e marcamos a nossa entrevista para a tarde do dia 24 daquele mesmo mês.

Nos encontramos no segundo andar do Bloco D do CFH, porém como estávamos prevendo havia muitas pessoas e barulho naquele espaço para realizarmos nossa conversa, fomos então ao prédio do CED⁴. Em um corredor do segundo piso, mais vazio e silencioso do

⁴ Centro de Educação, localizado na UFSC.

que o que havíamos nos encontrado, nos sentamos em uma mesa ao lado de uma janela com vista para o resto do CED. Após descrever um pouco mais de minhas ideias a ele, Dani começou apresentando o que vestia naquele dia, e como fez a escolha daquela montagem.

Humm tá, acho que eu vou começar a ir com a própria roupa que eu estou usando hoje. Eu estou usando uma bota tratorado preta de couro; meia calça marrom, não muito, não muito grossa; um short preto curto de tecido de malha de cintura alta e uma camiseta branca, ela tem um corte nas costas, ela é aberta. Eu estou usando essa camiseta por cima de um top roxo e a camiseta que tem uma estampa da banda de rock Queen. Acho que além disso, eu estou usando brincos com a bandeira luminária. E é basicamente isso a minha roupa que estou usando agora.

Por que que eu escolhi usar essa roupa? [...] Tipo, como eu me apresento e digamos assim, tanto a imagem que eu estou passando quanto se eu me sinto confortável usando aquela roupa. [...] Essa blusa em específico eu gosto, eu gosto muito dela, embora eu não tenha usado ela com... eu estou usando ela mais agora do que eu usei antes, mas eu acho que eu tenho ela desde que os meus... o que uns 13 anos 14 por aí, sendo que eu tenho agora 22, então eu a tenho... Ela tem uma idade, essa blusa que eu estou usando. Ela é relacionada a algo que eu gosto, a banda, no caso hummm... Mas também tipo eu fico feliz de me sentir confortável de usar ela agora, quando antes eu não conseguia, porque era exatamente porque tinha a blusa, eu gostava dela, mas como ela não casava com o resto, aquilo que eu tinha, né? Era difícil pra mim usar ela, digamos assim.

Então tipo, eu também me vem em consideração para o conjunto do que eu estou usando hoje, que tipo, eu ia passar a tarde e a noite na UFSC. Que eu estou com outras peças aqui, na verdade, porque eu vou ficar até a noite, então o clima da cidade vai mudar completamente, então eu precisar combinar essa base que eu estou usando com outras peças também.

O aspecto utilitário era importante para suas escolhas, Dani buscava roupas confortáveis ao clima e seu dia a dia como estudante. Dentro disso, suas escolhas eram limitadas financeiramente, trabalhando com peças que já possuía, disse que por mais que tivesse o desejo de experimentar diferentes estilos, não tinha como.

Em sua perspectiva, muitas pessoas não se importam muito no que se refere a estética e estilo das roupas que utilizavam, porém isso lhe era importante. Ele me disse sentir dificuldade em não performar uma imagem que em sua percepção outros leriam como feminina, qual lhe causava insatisfação e desconforto, porém não queria mudar seu *estilo* para

se adequar para que outras pessoas lhe percebessem *do jeito correto*, porém procura ao menos expressar *vibes LGBT*⁵ por suas montagens.

E eu tenho esse desejo de tipo deixar visível, digamos, esse lugar para mim de ... de certa, de certa forma, de não pertencimento sabe. Isso não é para mim uma coisa que é uma coisa desconfortável, desconfortável⁶. Eu sei que, eu sei que tem muitas pessoas que elas querem pertencer ou digamos, que a não binaridade delas não traz para elas, talvez não para elas da mesma forma, esse sentimento de não pertencimento, mas eu sempre, eu sempre senti que de certa forma eu não, eu não me encaixava de diferente, diferente sentidos. Seja na forma com que eu interagia com as outras pessoas, ou como existia ou como eu me comunicava, entendeu?Então, meio que ...Esse é o lugar que eu assumi, que eu assumi pra mim, pra mim nesse sentido e agora eu estou tentando ficar bem com o fato de que eu não é, que eu não pertencimento mesmo, que eu quero também, de certa forma, sentir orgulho disso, de expressar isso na forma com que eu me visto de roupas que eu uso.

Dani praticou balé por muitos anos quando era criança, que gostava muito e se arrepende de ter parado de dançar. Na época, praticava balé clássico, que possuía uma rigorosa diferença de estilos femininos e masculino de dança, tanto por questões técnicas como de afirmação de gênero. No entanto, não sentia desconforto mesmo que o espaço da prática de balé era feminino. Era comum usar saias durante a prática, e maquiagens artísticas nas apresentações, porém aquilo não lhe incomodava. Porém, fora daquele espaço, ele disse que não se sentia confortável usando saias e vestidos, ou maquiagem “[...] não gostava daquela imagem, mas tipo, eu sentia que não se encaixava, não se encaixava para mim. Sabe?”.

Mesmo enquanto se identificava como mulher cis, Dani nunca gostou de performar *feminilidade, o aquele ideal da mulher que usa saia, que usa vestido, que usa maquiagem*. Ele disse que sentia uma pressão muito grande em cumprir expectativas, da maneira com que vestia e como se portava. Era um incômodo, não se sentia *confortável*, não se sentia *bem*. “Parecia que eu estava, que eu estava vendo uma outra, uma outra pessoa no espelho, sabe, uma fantasia.”. Dani disse que só passou a se sentir melhor a partir do momento que passou a se identificar como não-binário, pois para ele não havia mais expectativas para cumprir. Apesar de entender de que uma pessoa cis pode escolher não cumprir as expectativas

⁵ Dani não desenvolveu em nossa conversa o que seria o termo *vibes LGBT*, mas pelo contexto ele poderia ter se referido a seu desejo de não ser *colocado numa caixinha*, como ele disse durante a entrevista, não sendo visto como *feminino* e sim como uma pessoa dentro do guarda chuva LGBT.

⁶ Dani tem disfemia, as repetições de palavras aqui são fiéis a sua fala, para o não apagamento de sua subjetividade.

relacionadas a seu gênero, Dani disse que usou disso durante muito tempo para se conversar que era cis, até o momento que “[...] percebi que pessoas cis não se esforçam tanto para se conversar que elas são cis, elas não precisam fazer todo esse esforço, né?”. Dani disse que no entanto, seu entendimento sobre sua identidade gênero só surgiu a partir de uma melhora de sua saúde mental, relatou que o final de seu ensino médio, a pandemia e o início de sua graduação foram muito difíceis.

Agora suas preocupações ao usar um vestido ou saia são diferentes, não mais do incomodo que acompanha atender uma expectativa, porém de chamar muita atenção e o de reforçar a visão das pessoas que ele seria uma pessoa cis. No entanto, porque só tinha dois vestidos, um que descreveu como péssimo para o cotidiano e outro que considerava mais formal, por isso não eram peças que utilizava em seu cotidiano. O que lhe incomoda agora é a rapidez com que as pessoas lhe demarcam com uma mulher cis sem ao menos exitar.

E tipo eu tenho plena noção de que, na verdade eu estou num contexto muito de bolha, muito confortável, sabe que tipo, os professores pelo menos do que eu tenho contato no curso, digamos, da nossa área, eles são, eles costumam ser respeitosos, enfim. As pessoas com quem, com quem eu trabalho sempre me tratam da maneira correta, entendeu? Eu não posso ficar tipo... as pessoas que eu digo que imediatamente me veem dessa maneira são pessoas com quem às vezes eu não conversei, elas estão me vendo só da primeira vez, entendeu? Elas não sabem. Então eu não posso dizer, digamos assim, que elas estavam cometendo uma violência contra mim. Porque, porque sim, essa é a forma que eu me apresento, mas me incomoda o quanto, o quanto é às vezes é limitada a visão, a visão das pessoas. As vezes até uma pessoa ela é cis se expressa de uma maneira diferente entendeu? Seja pela forma que ela fala, que ela se veste, as pessoas parece que tem assim um filtro no olho que eu não entendo. É que as pessoas não fossem tão rápidas em me jogar de volta, tipo na caixa que eu estou tentando sair, sabe?

Dani disse se sentir frustrado porque algumas pessoas não parecem perceber ou entender a intenção da maneira que se porta e veste, que para ele é quase um cálculo. Ele relata ser frustrante se colocar em uma identidade para escapar de estereótipos e expectativas, porém em um momento seguinte se ver uma situação onde se criam expectativas acerca desta identidade “[...] você tem que ser andrógono, que você tem que usar determinado pronome, você tem que fazer tipo determinado tipo de coisa [...]”.

Apesar de que Dani não citou diretamente quem eram as pessoas que se referia, que criavam essas expectativas, especulei que poderia estar falando não apenas de indivíduos, mas da mídia de forma geral também. Pois ao nos sentarmos para conversar no CED, quis lhe explicar em pessoa o porquê de minha pesquisa, trazendo de meus próprios pensamentos

sobre o uso da temática não-binária na moda⁷, e ausência de pessoas não binárias produzindo acerca disso.

Quando lhe perguntei sobre as peças que utilizava, ele explicou mais detalhadamente seu *cálculo* para se vestir, onde pensava: quantas horas vou passar com esta roupa? Vou estar na rua? Como será o clima? Se usar uma camiseta com estampa, o que usarei em baixo?

Dani disse que preferia roupas sem estampas, se não, apenas uma estampa de cor sólida, que procurava equilibrar roupas justas com peça folgada para marcar sua cintura, porém não gostava de usar uma montagem apenas de peças justas ao corpo, pois não se agradava visualmente e se sente fisicamente desconfortável.

Dentro deste equilíbrio, tendia usar mais camisetas folgadas e longas, e que quando as utilizava soltas, usava sempre uma peça curta por baixo como um shorts, ou se fosse longa seria uma calça justa. E quando usava uma calça larga, se estivesse usando uma blusa longa e larga, a utilizava dentro da calça.

Ele disse tentar usar roupas coloridas, que tinha peças brancas, amarelas, laranjas e verde escuro, no entanto quando adolescente usava muito preto e cores neutras, que era o estereótipo do *adolescente que só usava roupa preta*. Disse que ainda gostava desse estilo, e que em alguns dias sua amiga dizia que ele se vestia como uma fã de 5 Seconds of Summer⁸ em 2014. Ela me descreveu uma montagem específica em que havia se vestido com o que ela pensou que sua amiga chamaria de fã de 5 Seconds of Summer em 2024:

Teve uma vez especialmente que eu estava com essa blusa só que ela tava... não ela não tava para dentro da calça, só que eu tava, só que eu tava com uma calça... não era uma calça jeans. Mas era uma calça marrom que tinha um padrão bem simples, daí eu tava com uma bota ou um All Star e uma jaqueta jeans.

Apesar disso, ele me disse que em 2014 nunca teria se vestido desta maneira, por não ter na época as peças para realizar a montagem, mas também porque na época queria ficar mais *escondido*, e que não gostava de experimentar coisas diferentes. Dani disse se sentir uma

⁷ Não trouxe nenhuma referência para diálogo especificamente para este trabalho, porém esse também foi um dos fatores que me inspirou a realizar este trabalho. Para mais informações acerca do assunto cheque:

⁸ De acordo com a biografia no perfil oficial do Spotify da banda, o grupo é originário de Sydney, Austrália, fundado há mais de 10 anos. Apesar de que 5 Seconds of Summer (5SOS) possuírem diversas influências incorporadas ao longo da carreira em seus trabalho os principais gêneros da banda são punk e pop. Sendo seus integrante: Michael Clifford, Luke Hemmings, Ashtow Irwin e Calum Hood. Fonte: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/5RI15oVamLq7FbSb0NNBNy?si=cdFKsfVVScCVAdXCLD0SkA> ; https://rollingstone.com.br/noticia/seriedade-e-maturidade-de-calm-e-progressao-natural-do-5sos-explica-calum-hood-entrevista/#google_vignette.

pessoa insegura, na maneira que se apresenta, como as pessoas lhe vêem e como reagem a ele. Que apesar de que no momento estivesse tentando fazer o esforço para usar peças que considerava legais, ele teria a *síndrome de básico*, que para ele era sua preocupação em não vestir algo que chame atenção, que lhe faça desconfortável e não lhe permita relaxar; uma preocupação em excesso sobre o que outros vão pensar dele.

Para Dani uma roupa básica seria uma camiseta, um jeans e um tênis. Uma montagem que utilizou muito em sua adolescência, quando não tinha energia, por causa de sua saúde mental, para se preocupar com como se vestia e não se sentia seguro para experimentar novas coisas. Naquele ano tinha sido a primeira vez que usava shorts, sem uma meia calça por baixo, para frequentar a universidade, porém que ainda teria algumas peças que queria usar porém ainda não se sentia confortável utilizando, peças curtas em geral, que mostrassem a barriga, porém ainda se sentia desconfortável expondo seu corpo desta maneira. Mesmo regatas, como a que usou no dia de nossa entrevista, eram algo recente para ele, apesar de ter aquela peça a vários anos e gostar de vestir.

E eu tenho esse desejo de tipo deixar visível, digamos, esse lugar para mim de ... de certa, de certa forma, de não pertencimento sabe. Isso não é para mim uma coisa que é uma coisa desconfortável, desconfortável. Eu sei que, eu sei que tem muitas pessoas que elas querem pertencer ou digamos, que a não binaridade delas não traz para elas, talvez não para elas da mesma forma, esse sentimento de não pertencimento, mas eu sempre, eu sempre senti que de certa forma eu não, eu não me encaixava de diferente, diferente sentidos. Seja na forma com que eu interagia com as outras pessoas, ou como existia ou como eu me comunicava, entendeu? Então, meio que ...Esse é o lugar que eu assumi, que eu assumi pra mim, pra mim nesse sentido e agora eu estou tentando ficar bem com o fato de que eu não é, que eu não pertencimento mesmo, que eu quero também, de certa forma, sentir orgulho disso, de expressar isso na forma com que eu me visto de roupas que eu uso.

2.2 HOMEM ARANHA - CHRISTINE

Encontrei Cristine pelo Instagram. Possuía um perfil fechado, o que me deixava apenas com sua foto de perfil e bio, o que foi suficiente, pois ali dizia que estudava em Florianópolis e que era uma pessoa não binária.

Em 13 de agosto de 2024, mandei uma mensagem me apresentando e apresentando minha proposta para uma entrevista/conversa. Ela me respondeu após alguns dias com um sim, e me propôs conversar pelo whatsapp pois respondia mais frequentemente. Ela então me

mandou os horários livres que possuía para que pudéssemos agendar uma conversa pelo meet. Ela me sugeriu esse método pois disse estar muito ocupada, desde de nosso primeiro contato até nossa conversa na tarde de 11 de setembro de 2024, se passaram algumas semanas.

No dia, me esqueci de perguntar sua idade, assim como esqueci da maior parte das pessoas que entrevistei. Christine usa os pronomes ela/dela, cursa História na UDESC e faz estágio no Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina (TJSC), mora em Florianópolis com sua colega de apartamento e namorada.

Eu participei do meet do meu quarto pelo meu Notebook, com o OBS Studio⁹ aberto para ver se a gravação corria bem, já Christine com seu celular, primeiro sentada no sofá de seu apartamento, depois em seu quarto. Christine tinha cabelo tingido de ruivo, entre liso e ondulado, curto na altura de suas orelhas; unhas curtas pintadas de preto, com um anel no dedo anelar; olhos escuros e sobrancelhas marcantes, grossas e escuras. Era um dia muito quente, uma semana quente na verdade, Christine usava uma regata de alcinha preta, que acabava antes de sua cintura, e um macaquinho de shorts, de um jeans azul dessaturado, com um grande bolso na frente e uma minúscula etiqueta vermelha que ficava ilegível pela transmissão pixelada de sua câmera frontal. Sua jardineira tinha alças para um cinto e bolsos na frente com possui 3 botões de aparência metálicos cada; no momento não perguntei para que serviam porém refleti se poderiam fechar os bolsos, já as mangas dos shorts eram muito curtas mas possuíam uma bainha.

Começamos nossa conversa às 16h10 e terminamos perto das 17h30, sendo que perto das 17h tive problemas no meu notebook, e por isso demorei uns bons minutos para adivinhar o que havia acontecido com ele para então continuamos nossa conversa em outro link do meet.

Como ela me respondeu rindo, eu havia começado pela pergunta mais fácil “como você aprendeu a se vestir?”. Christine falou para mim que antes de se entender como pessoa não binária, havia primeiro se entendido como mulher trans, e que isso fez que ela tivesse uma negação por de qualquer coisa que pudesse ser minimamente lida como masculina. Que seu cabelo na época, sempre tinha de ser longo, sempre tinha de estar maquiada, nunca usava calças ou camisetas largas. Disse que tinha muitos *vestidinho*, tipo de festa de formatura, muitas saias, croppeds, botas, também tinha corsets. Suas inspirações vinham de suas memórias de ser criança e ver como outras meninas podiam usar saias e roupas de bailarina,

coisas que não podia, assim como de filmes de época, que eram um dos seus passatempos. Christine disse que sua imagem de feminilidade vinha das imagens de protagonistas de filmes no campo usando vestidos com corset e roupas de gala, que segundo ela eram muito bonitas. Apesar disso, se sentia muito desconfortável em suas roupas.

E daí meio que a impressão que eu tive assim que eu me descobri como mulher trans e que para reafirmar a minha identidade de gênero como mulher, eu deveria meio que ser a antítese de tudo o que eu usava antes. Então as roupas que eu usava de camiseta, calça, a ausência de maquiagem, cabelo comprido, todas essas coisas assim, eu precisava performar ativamente.

Apesar de o relato de Christine ser uma experiência individual, marcada por sua subjetividade, quando disse "Eu preciso performar ativamente", convido a refletir como os leitores o significado que esta afirmação carrega. Pessoas trans têm a pressão de ter uma performatividade de forma a obterem passabilidade ou poderem se encaixar em determinadas comunidades, porém essa mesma pressão também se estende a outros grupos de se autovigiar. A exemplo, podemos ver o caso da personal trainer cis Kelly Moraes¹⁰, que foi xingada sendo acusada ser uma mulher trans numa academia em Recife. Ou o caso de Petrópolis onde foi aprovado uma PL que proíbe pessoas trans de utilizarem banheiros de acordo com sua identidade de gênero.¹¹

Em 2022 quando saiu da casa de seus pais, que passou a se entender como pessoa não binária, porém para ela, esse não foi um processo imediato. Que mesmo não querendo mais ser vista como uma mulher, ainda sentia a pressão, interna e externa, de se adequar às expectativas de performatividade feminina. Que mesmo hoje busca usar roupas que valorizem seu corpo de forma a ser visto de forma mais feminina.

Só que eventualmente foi me desgastando, porque querendo ou não, era uma performance, era uma máscara. Era tipo toda uma, uma ideia do que eu achava que eu deveria fazer e não o que eu queria fazer. Então eu abria mão muito das minhas vontades e do que eu gostava... pra meio que entrar nesse... nessa caixinha que eu mesma criei, tanto por questão interna, de tipo do que eu achava que deveria ser, mas também por questão de tipo, do que o mundo inteiro diz do que é o ideal de

¹⁰ G1 PERNANBUCO, Personal trainer é xingada e impedida de entrar em banheiro ao ser confundida com mulher trans em academia. Pernambuco: G1, 2025. Disponível em : <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2025/05/27/personal-trainer-e-xingada-e-impedida-de-entrar-em-banheiro-ao-ser-confundida-com-mulher-trans-em-academia-video.ghtml>. Acesso em: 25/06/2025.

¹¹ LIMA, Patrícia. Petrópolis aprova PL que proíbe pessoas trans de usarem banheiros segundo a sua identidade de gênero. Rio de Janeiro: Diário do Rio, 2025. Disponível em: <https://diariodorio.com/petropolis-aprova-pl-que-proibe-pessoas-trans-de-usarem-banheiros-segundo-a-sua-identidade-de-genero/>. Acesso em: 25/06/2025.

certas pessoas, sabe? E daí eu fiquei muito tempo nessa. Até que daí em 2023 eu tirei um tempo pra reavaliar várias questões sobre mim. Tanto da questão de social quanto o interpessoal, sabe como eu me sentia em relação a mim mesma, em relação ao que eu fazia, o que eu gostava, em relação a como eu portava em frente às outras pessoas e o quanto das minhas atitudes pra frente as outras pessoas eram mais um personagem, e mais tipo querendo agradar a percepção que os outros tinham de mim do que realmente tipo porra fazer o que eu quero, sabe porque? [...] Então, foram varias coisas que eu olhei e falei “cara, nem fudendo, não aguento mais”. Eu tava tipo muito, muito cansada de viver nessa lógica eu só meio que tipo comecei a me reavaliar, todas as coisas que eu gostava e isso daí fez. Alcançou também meu roupeiro, meu armário de roupas e fez eu olhar pra várias roupas que eu tinha, novas que eu eu ventilação, até mesmo comprei, olhei e falei “cara, isso não tem nada a ver comigo isso daí, tipo roupa de bonequinha e princesa, que eu não sou”. Eu não sou assim, sabe? Eu não gosto dessas coisas, Eu não quero ter que gostar dessas coisas só pra tipo ser outra pessoa, porque eu não sou assim.

Esse processo de reavaliação lhe fez voltar a suas roupas antigas que usava antes de sua transição que havia deixado na casa de sua mãe, e perceber como gostava muito daquelas peças. Camisas de flanela, camisetas largas, tênis de skatista, muitas calças jeans e muitas jaquetas, peças que por muito tempo não se permitia usar por serem lidas como muito masculinas. Christine disse ter chegado ao limite, que se sentia *acorrentada* por essas expectativas que “[...]vai te matando a longo prazo[...]”, que apesar de se sentir desconfortável em ser lida como homem, por causa da disforia que ainda era muito presente para ela, queria poder se sentir confortável consigo mesmo e se vestir para si mesma ser sentir que tinha que agradar alguém ou atender alguma expectativa.

Considerava que seu estilo atual era mais andrógono, pois para ela eram “[...] não são roupas que eu atribuía uma noção de gênero[...]”, mas que se sentiria bonita usando.

“Meio que isso que eu uso pra direcionar sempre no que eu vou me vestir todo dia de manhã quando acordo, se eu vou estar confortável em relação a temperatura, os espaços que eu vou ocupar e se eu vou me sentir bem, é os únicos os únicos critérios que eu sigo hoje em dia quando eu vou me vestir, sabe? Isso daí varia muito, porque tem dias que eu vou preferir algo mais... tipo tem dias que eu vou olhar e vou preferir um vestido porque tá quente, tem uma brisa leve e não vai ficar incomodando, então porque não? Mas tem dias em que eu vou preferir usar tipo porra só roupa, tipo roupas muito mais específicas como uma blusa, uma calça jeans, jaqueta jeans, moletom e camiseta, camisa social. E é só isso que eu vou usar, sabe, o dia todo e ainda assim eu vou olhar “Estou muito de boa e confortável usando essas roupas”.

Christine disse que um dos seus conjuntos de roupas favoritos era um conjunto formado de um coturno, uma calça moletom verde, e uma regata do tipo *wife beater*¹² ou *wife pleaser*¹³. Ela foi então a seu quarto me mostrar essas regatas, me dizendo que o motivo de usá-las: porque se sentia muito gostosa usando, o que lhe era importante, e o segundo; percebia que destacava seu corpo, principalmente a parte central, braços e também *os ossos*, e me disse enquanto passava a mão em suas clavículas e ombros, qual achava uma parte bonita de seu corpo, e assim gostava de deixá-la aparente.

A regata que ela me mostrou era branca com uma gola em *u* profunda e alças largas. A barra da regata parecia reta, porém como me mostrou a camiseta do avesso, não posso afirmar com certeza (a etiqueta estava para fora e as costuras eram aparentes). Ela me disse que aquela era uma *regata branca padrão*, e que além desta possuía outras diferentes, que eram mais fininhas, algumas com mais detalhes, ou com mais dobrinhas, que a ela chamavam mais atenção pois funcionam como um cropped.

A regata que Christine disse ser "infelizmente *Wife beater* ou dependendo de quem dizer *Wife Pleaser*" pode ser interpretada como uma faca de dois gumes. Se por um lado, ela foi associada a figuras masculinas violentas como o Stanley Kowalski interpretado por Marlon Brando, um personagem estourado, violento e que batia em sua esposa, ao mesmo tempo, essa regata é um dos poucos objetos de sexualização do corpo masculino. Com um corte justo, que demarca a silhueta do corpo deixando em destaque os ombros e o peitoral. A mesma obra consagrou Marlon Brando como uma estrela em Hollywood, não apenas por talento, por um corpo e rosto que cativaram os públicos com o colírio aos olhos à beira escadas coberto de suor na grande tela. Ela é um desejo violento.

Cada peça de roupa, eu vejo ela como tipo... uma forma tipo me afirmar. Não só olhar para mim mesma e dizer ah, eu me sinto bem, eu me sinto bonita. Mas também para dizer que eu sei que eu sou bonita, e eu espero, e eu espero e eu acho que vocês, vocês mundo... pessoas vão olhar e pensar porra, você também está bonita dahm. Então, é um pouco egocêntrico talvez, mas viver em sociedade exige um pouco de egocentrismo, então está tudo bem. Christine.

¹² Uma das possíveis origens desse nome advem do personagem de Marlon Brando no filme *Um Bonde Chamado Desejo* (1951 - *A Streetcar named Desire*) em qual faz o papel de um homem que bate em sua esposa e canonicamente usa uma regata branca. Porém existem mais suposições para o cunho deste termo. VELASQUEZ-MANOFF, Moises. Are we really calling this shirt a "Wife Beater"? New York, The New York Times, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/05/25/opinion/are-we-really-still-calling-this-shirt-a-wife-beater.html>. Acessado em: 13/05/2025.

¹³ Tradução livre do autor aos termos: *wife beater*: agredir esposa; *wife please*: agradar esposa. Os dois termos não se referem a ação, mas a um arquétipo, uma pessoa que agride a esposa e outra que agrada a esposa, porém o termo em inglês não agraga o sujeito da ação, na caso quem bate ou agrada.

Para ela era difícil categorizar em palavras seu estilo, que poderia dizer que era grunge¹⁴, mas também não, pois era algo variante. Não gostava de usar roupas muito coloridas. Usava muito preto, e o máximo de colorido seriam as estampas, e que junto ao preto usava alguma peça clara. De forma geral usava mais camisetas, bermudas, shorts e calças. Suas roupas eram em maioria doadas, roupas de brechós e pouquíssimas peças que havia comprado novas, como suas camisetas de banda e sua fantasia do Homem Aranha. Essas peças *compradas* seriam uma das poucas peças que iria em uma loja física ou online para comprar, que usualmente via uma peça que gostava em um brechó e as comprava por impulso.

Em um momento que sua colega de apartamento chegou no apartamento, Christine foi ao quarto, onde me mostrou suas roupas. A descrição abaixo é das roupas que ela me mostrou durante nossa conversa no Meet.

Uma camiseta de manga curta gola redonda, com uma estampa em preto, de um torço que do pescoço para baixo era um desenho semi-anatômico, contendo apenas o esqueleto pulmões e poucos músculos. O braço direito ilustrava através de duas figuras de braço um movimento do braço dobrando o cotovelo, primeiro mantendo o antebraço em posição completamente horizontal e em seguida no ângulo das 10h30 (usando os ponteiros de um relógio analógico como referencia ao leitor), onde nos dois a mão permanecia torcida para dentro do antebraço com todas as pontas dos dedos se tocando. Enquanto o braço esquerdo, sem músculos e menos detalhamento esquemático, se estendia às 4 horas. E do pescoço para cima era uma ilustração semi-realista de uma cabeça de rena em posição de perfil com olhos proporcionalmente muito grandes e humanóides se comparado ao resto da cabeça.

Uma camiseta branca de manga curta baby look, com gola canoa em preto, o tecido era semi-transparente permitindo que se visse a estampa das costas enquanto Christine a segurava em frente a luz. No canto esquerdo superior em sua frente tinha uma pequena estampa, não maior que um palmo de mão, de uma cabeça de *alien*, que possuía apenas um contorno do rosto de formato ovalado e dois olhos pretos em formato de gota. Já na parte de traz da camiseta havia uma estampa também simples, formada de um padrão de pequenos planetas e estrelas formados linhas pretas sem muitos detalhes e uma única ilustração de um

¹⁴ De acordo com o Dicionário Cambridge Grunge significa: um tipo de música rock agressiva e alta, popular na década de 1990, que foi influenciada pelo punk e pelo heavy metal; e estilo grunge: um estilo de moda usado por pessoas que gostam de música grunge, caracterizado por roupas sujas e desarrumadas. Tradução livre pelo autor. CAMBRIDGE DICTIONARY. Grunge. Cambridge, The University of Cambridge, 2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/grunge>. Acesso em: 13/05/2025.

OVNI em formato de disco com um topo circular, qual a parte de baixo possuía 3 riscos para baixo, qual Christine descreveu como “um monte de coisas do espaço”.

Ela me mostrou outra camiseta branca de manga curta e gola redonda, dizendo que também tinha coisas mais *idiotas*. Essa camiseta possui uma estampa no centro de uma ilustração dos personagens do Mangá/Anime *Naruto*, com uma arte similar a do Anime exibida originalmente em 2002 no canal televisivo TV Tokyo e produzida pelo estúdio Pierrô. Na arte havia 4 personagens; *Naruto* no centro inferior, *Sakura* na a direita, *Sasuke* a esquerda e no centro superior havia *Kakashi*, no fundo deles havia um círculo formado por listras horizontal laranja e na altura da cabeça do *Kakashi*, acima ao círculo passando atrás da cabeça do personagem, havia também uma escrita em alfabeto oriental que não reconheci, mas presumi ser japonês. Christine disse que tinha duas camisetas como aquela do *Naruto*, que segundo ela, era “muito foda, não da vei”.

Christine me disse que gosta muito de roupas de banda, camisetas de banda. Ela me mostrou uma camiseta preta de gola redonda do *RadioHead*. Essa tinha estampa retangular no centro de sua frente, branca e preta, com uma ilustração semelhante aos cenários de filmes de expressionismo alemão silenciosos, com um fundo com linhas de um ponto de fundo no quarto direito na metade vertical da ilustração, em sua margem esquerda duas cabeças brancas com apenas olhos e bocas estilizados faziam expressões de surpresa e horror, e ao redor do centro de fuga haviam diversas figuras humanoides simplificadas, com corpos pretos e olhos e bocas exageradamente grandes para as cabeças, que pareciam ter dentes enormes, e orelhas similares às do *Mickey Mouse*. Ela me disse que também tinha uma camiseta do *Linkin Park*, do *My Chemical Romance*, ela disse que também tinha uma do *AC-DC*, mas que não gostava mais da banda, mas tinha saudosismo, então achava isso bem engraçado.

“Eu tenho uma peças que são só mais idiotas”, disse Christine, ao me mostrar uma um camiseta sem mangas, cortada em *cropped* com gola redonda. Na frente da camiseta havia uma ilustração de um leão (apenas da cintura para cima) em estilo cartoon humanoide, que vestia uma camiseta preta com a palavra *PROERD* escrita em vermelho, com o braço esquerdo junto ao corpo e a mão (humanoide com 4 dedos) fechada, e o braço esquerdo com o cotovelo dobrado e a mão na altura do ombro fazendo o gesto de positivo, com os dedões esticado para cima, os outros dedos dobrados dentro da palma que também se alinhavam à posição do dedão. O Leão ficava dentro de um círculo branco que possuía mais duas faixas circulares em sua volta, sendo a interior cinza e a exterior branca e na interior se lia as palavras “família escola e polícia” em fonte sóbria, e no círculo exterior se lia “PROGRAMA EDUCACIONAL de RESISTÊNCIA às DROGAS e à VIOLÊNCIA” também em fonte

sóbria. Acima da ilustração está a logo do PROERD em vermelho. Nas costas da peça estava escrito “Nossas Crianças Longe das Drogas” e abaixo havia um desenho do que presume ser o contorno do território da cidade de Palmas, qual em um fonte sobria estava escrito dentro desta ilustração *Palmas - PR*. Christine disse que um dia dormiu na casa de uma amiga e a namorada dela tinha essa camiseta, e ela lhe perguntou se ela não lhe doaria aquela camiseta, qual aceitou, e quando chegou em casa cortou as mangas e a barriga para usá-la como cropped. “É muito engraçado de usar, eu me sinto muito idiota mas eu dou umas risadinhas muito genuínas quando estou usando isso”.

Também tinha muitas calças, sendo a maioria feita de jeans, disse não terem um corte específico, e que muitas eram largas. Ao me dizer isso ela me mostrou uma calça jeans azul clara que apenas pude ver da altura da metade da coxa acima, estava desabotoada e de zíper aberto me deixando ver a parte de dentro do cós da calça. As contas do cós pareciam ter um elástico interno pois tinha uma aparência enrugada, havia ali uma etiqueta com algo escrito e a numeração do tamanho, mas pela qualidade da transmissão não pude enxergar. A frente da calça possuía dois bolsos abaixo do cós ao lado da costura lateral, a jeans do forro era mais escuro que a maior parte da calça e abaixo do bolso esquerdo haviam 3 rasgos irregulares, sendo o terceiro maior revelando a parte de dentro da calça, os outros dois ainda possuíam a fibra do tecido desfiada a tampa los parcialmente. Ao virar a calça vi os dois bolsos em sua parte traseira na área da bunda, e e cerca de alguns centímetros abaixo, entre o passador do centro da calça e um mais perto da costura da parte direita, havia uma mancha retangular mais escura que presumi ser onde antes ficava um pedaço de tecido que deveria conter a logo da calça. Parte significativa dos detalhes das costuras como a parte de cima do bolso, o cós da calça e o gancho traseiro possuíam uma tingimento manchado em um padrão de dobras, assim como as pontas do bolso traseiro que se costuravam ao corpo da calça. Essa calça era, segundo ela, muito soltinha em seu corpo, então necessitava de um cinto bem apertado para usá-la.

Ela também tinha calças que eram bem apertadas, disse puxando uma calça slim. Era preta, porém devido a transmissão não via quase nenhum detalhe, além do brilho do zíper metálico prateado aberto e dois botões abaixo do cós, menores do que uma moeda de 10 centavos. Atrás, pelo mesmo motivo, não pude distinguir nada além do preto.

Também usava calças de alfaiataria, mas não me mostrou. E para ela as peças que menos usava eram saias. Como a estação era inverno também não estava usando shorts, mas também por causa da transição hormonal, seus shorts não serviam mais. Em seguida me mostrou um dos shorts que lhe servia, preto com comprimento aparente pouco mais curto que

a metade da coxa, cintura alta, que tinha uma bainha desfeita ou rasgada (presumo isso pelo vídeo, porém sem certeza pela qualidade de imagem), da marca POP ME tamanho 40, e também possuía bolso abaixo do cós ao lado da costura lateral. Era um shorts bem larguinho, diferente de seu último shorts que era “muito de putinha que era tipo bem pequena”, já este era “não tão beira cu”.

Havia também um shorts que gostava muito, que ela disse ser no estilo *mon jeans*. Era azul azul claro, de comprimento próximo a metade da altura da coxa, cuja a barra era dobrada de forma a mostrar o tecido interior que possuía uma lavagem mais clara. Cintura alta cujo cós possui pregas que aparentavam ter um elástico por dentro, com bolsos similares aos shorts anteriores, e rasgos desfiados na porção frontal abaixo ao bolso. Era possível ver uma etiqueta dentro do interior do cós traseiro, de cor marrom com alguma escrita e pequena imagem que não pude distinguir e um 4. Ao virar a peça, pude ver também um pequeno pingente claro preso a parte direita do cos, tanto o gancho traseiro quando a costura junto ao corpo da peça nos bolsos e uma cultura entre os bolsos e o cós possuíam uma aparência manchada similares a listra em uma costura que parecia ser em maior relevo do que em outras parte da peça.

“Em casa eu não dou muitas fudas para o que eu uso”, disse ao me mostrar uma parte de seu guarda roupa com prateleiras de pijamas em pilhas dobradas, a qual disse que eram camisetas que não usava mais para ir para rua. Eram pelo menos 3 prateleiras de peças de diversas cores, preto azul, rosa vermelho, branco. Ela me mostrou então uma camisola de alcinhas finas, vermelha, curta e com um tecido tipo seda (descrevo assim pois não tenho certeza, porém a aparência viscosa maleável e brilhante me lembrou a seda), qual disse usar as vezes para variar, porém raramente usava peças assim.

Então, com a câmera do celular apontada para o canto da prateleira me falou sobre sua peça favorita, de longe a achava mais legal de usar e que sentia *mais bem* utilizando, sua fantasia do Homem Aranha. “Eu gosto muito, acho muito divertido, sinto um conforto muito grande usando”. Só que devido a falta de oportunidades não a utilizava tanto.

Durante nossa conversa Christine me disse que sua interpretação favorita do Homem Aranha¹⁵ era da série de filmes com Andrew Garfield¹⁶, e que antes de se descobrir trans até mesmo se vestia de forma similar, uma *vibe*¹⁷ similar, como me relatou.

Aos leitores não familiarizados com a obra, o mesmo personagem também foi interpretado anteriormente por Tobey Maguire em 2002, 2004, 2007 e 2021, e posteriormente por Tom Holland em 2016, 2017, 2018, 2019, 2021, apesar de se basearem na mesma obra, suas interpretações diferem, também se colocando em momentos diferentes dentro do gênero de filmes de Super Heróis. Os filmes originais de Tobey Maguire, 2002 a 2007 foram realizados num período onde filmes de super heróis eram realizados produzidos de forma separada, mesmo pertencendo a mesma companhia DC ou Marvel, focando nos dilemas dos personagens com seus superpoderes (Hulk 2003, X - Man o Filme 2000, Blade O Caçador de Vampiros 1998) porém com o lançamento de Batman Begins em 2005 e O Cavaleiro das Trevas em 2008, os filmes de super heróis passaram tratar de temas mais sérios, de como seus personagens lidam com os traumas, traições e mortes que acontecem em suas vidas (Homem de Ferro 2008, Watchmen 2009) de forma similar a filmes fora do gênero. Porém após a Marvel Studio ser adquirida pela Disney e principalmente a partir da segunda metade da década de 2010, onde o estúdio passou a realizar um projeto de multiverso entre os filmes da companhia, os filmes de Super Heróis passaram a ser mais comerciais, menos violentos, voltando a focar no universo fantástico, por vezes até menos nos protagonistas e mais no enredo que era contado através dos filmes. Cada filme individualmente era apenas uma peça, não uma obra completa, seus personagens eram fragmentos de si mesmos.

Como o Homem Aranha de O Espetacular Homem Aranha foi produzido pela Sony por questões de direitos autorais, ele se estabelece em meio termo a filmes sérios e austeros como o Cavaleiro das Trevas e filmes fantásticos como Guardiões da Galaxias Vol. 2 de 2017. O Peter de Andrew é juvenil porém não é colocado como um personagem deslocado e

¹⁵ É um personagem originário da companhia de revistas em quadrinhos Marvel Comics, aparecendo pela primeira vez na publicação “Amazing Fantasy #15” em agosto de 1962. Apesar de que nós quadrinhos sua história tenha sido re-escrita várias vezes, a mais comum é; Um jovem americano chamado Peter Parker é picado por uma aranha experimental, e com isso ganha poderes de escalar em paredes e sentidos de uma aranha dentre outros super poderes. Após a morte de seu tio que era seu guardião legal, devido a um criminoso, Peter cria o alter ego do Homem Aranha, onde usando uma fantasia azul e vermelha que cobre todo seu corpo, para o manter anônimo, combate o crime através de violência física durante a noite, e durante o dia trabalha no jornal da cidade onde mora.

¹⁶ Andrew Garfield é um ator americano nascido em 1983 em Los Angeles, Califórnia, conhecido pela sua interpretação com Homen Aranha em O Espetacular Homem-Aranha em 2012, 2014, 2021 e A Rede Social em 2010.

¹⁷ O humor de um lugar, situação pessoal, etc. O modo como isso faz você se sentir. CAMBRIDGE DICTIONARY, Vibes. Cambridge, The University of Cambridge, 2025. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/vibe>. Acesso em: 13/05/2025.

imaturo como o de Tobey, porém não se absteve da fantasia como em filmes mais sérios. Ele se veste na maioria das vezes quando aparece como Peter Parker utilizando tênis, skinny jeans, moletoms sem estampa e óculos com um cabelo curto estilizado num topete, ele é um nerd mas um nerd cool, contemporâneo, que diferente do Tobey, era pensado para agradar o público feminino, ele era um Homem Aranha palatável, mas não superficial e ainda mais relevante pela primeira e última vez, representado como galã.

Portanto, quando Christine fala do conforto que tem ao vestir sua fantasia do Homem Aranha, penso que não seja apenas sua diversão que tem ao usar coisas idiotas como me disse ser usar suas camisetas do Naruto, mas seu conforto¹⁸ de um personagem que ela gosta, do que ele remetia a ela. Mas também de seu processo de retornar as roupas que usava antes de sua transição e que ficou anos sem usar, no momento em que passou a refletir sobre si mesma, quem era, como se relacionava com os outros, e estabelecer o que lhe fazia sentir bem sem pensar sobre o que qualquer além dela pensava sobre.

Uma das coisas que Christine salientou mais que outros interlocutores foi o que é a roupa de casa e a roupa da rua. Em sua prateleira de pijamas, que são as roupas de dormir, que para ela servem a ficar em casa, não apenas em sua cama, eram peças que considerava velhas demais para usar na rua, que se sentia confortável em usar em seu lar com sua namorada, porém não com pessoas estranhas.

Voltando a se filmar, me disse que também tinha muitas camisetas de manga comprida, que gostava muito de um *mix* de manga comprida por baixo com uma camiseta de manga curta larga com estampa por cima. Porém, às vezes também usava uma camiseta de manga comprida com uma calça, tudo *bem básico*. Porém variava de acordo com a temperatura, se era dia ou noite e que era algo que não tinha como não levar em conta “ [...] é muito difícil usar uma roupa toda preta, gótica irada e tá 30 graus na rua... então não tem como, tem que se adaptar”. Christina disse que como naquele dia estava fazendo 34 graus, estava horrível de usar qualquer coisa.

Das suas peças que eram vestidos, variam bastante também, “geralmente o que eu uso de vestido na verdade não é bem vestido” disse a mostrar-me uma jardineira, não teria separação (no caso, não haveria as pernas das calças) que para ela era uma mistura de uma jardineira com uma saiazinha. Peça que usava ou com uma camiseta ou cropped. Para o trabalho usava vestidos *básicos* e longos, de cor sólida ou listrados, disse me mostrando um

¹⁸ Quando realizamos a entrevista, em 2024, Christine tinha ainda 22, portanto quando os filmes de Tobey Maguire estavam no cinema ainda era bebe ou uma criança muito pequena, porém na época que os filmes de Andrew Garfield estrearam no cinema era teria entre 10 a 12 anos aproximadamente. Penso que a idade para ir ao cinema, e poder ter mais agência de poder ver os filmes pode ter influenciado também seus gostos.

vestido preto, saia mid, aparentemente de tecido artificial e elástico (como elastano) que possuía uma gola canoa e mangas raglan. Um dos vestidos que ainda não teve oportunidade de usar foi um vestido longo, verde escuro com alças grossas e um decote profundo de v que possuía um zíper em seu final, ela me disse que ainda não encontrou a oportunidade de utilizá-lo apesar de achá-lo muito bonito.

Christine disse que para ocasiões mais formais como uma jantar em família possuía algumas peças mais *formais*. Me mostrou um vestido preto, que parecia justo, de gola alta, com as contas vazadas, que afirmou não ser muito longo indo a metade de sua coxa.

Em seguida, apontou sua câmera para uma arara cabideiro que ficava ao lado de sua cama, onde ficavam misturados suas peças e de sua namorada, camisas sociais, flanelas, jaquetas... Com exceção de duas flanelas todas ali eram suas, exceção também de duas camisas sociais, quase tudo era seu., no entanto quase não usava as flanelas, porque muitas vezes não percebia a ocasião, ou por causa do calor, porém lhe era um ótimo quebra galho.

2.3 FREAK CIRCUS - MICA

Entrei em contato com Mica pela primeira vez dia 3 de maio de 2024. Ao percebermos que na época morávamos perto um do outro, Mica sugeriu lhe encontrar em sua casa, na tarde do dia 8 do mesmo mês. Mica morava em um prédio de kitnets, a sua ficava no térreo, com uma ampla abertura para uma varanda que dava para rua, o que deixava o ambiente muito iluminado, principalmente naquele dia, muito quente e de sol forte de um outono com cara de verão. Sua kitnet possuía um cômodo em formato de L e um banheiro na ponta horizontal do L, com um piso de padrões tipo granito de cores cinza, marrom e bege. Lembro-me de sua casa me lembrar muito a impressão que tive delu quando olhei seu perfil no instagram, coloride. Em sua geladeira haviam 10 cartões de ilustrações diversas; um poster da *Florence*, um com uma serpente enrolada a frente de um fundo azul claro QUEENS STO** AGE escrito em vermelhas letras garrafais em baixo, uma ilustração de estilo vintage de um homem de terno preto com um grande olhos de cílios de raios de sol em lugar da cabeça, que segurava um guarda chuva em um fundo de listras amarelas que pareciam raios que saíam dele, a silhueta de uma mulher nua de costas com as mãos apoiada nos quadris e o rosto virado de lado com seu olhar de canto de olho para o observador, de cabelos curtos e um quepe Mica também tinha um pequeno fogão, de um vermelho aberto, impossível de ignorar contras as paredes brancas do apartamento.

Mica dividia a parte horizontal do L da arte vertical com um Biombo de madeira clara, na parte vertical havia sua cama e ao seu lado uma lareira vazia qual empilharam um caixote de madeira pintado de amarelo e em cima dele um monitor/TV, acima da lareira havia duas prateleiras com vários objetos: plantas, molduras, enfeites multicoloridos... A direita da lareira entre o que era o quarto e a sala cozinha havia uma estante de madeira clara vazada de aproximadamente 5 prateleiras e ao seu lado um armário pequeno de duas portas, branco. Na estante havia roupas dobradas e 2 bolsas penduradas, e acima dela cordas, e a sua frente mais um vaso de plantas e um par de botas tipo chelsea de solado tratorado de cor vermelha. Ao lado direito do armário havia uma mesa branca de pés castanho claros, onde haviam mais algumas peças de roupa, uma máquina de costura e escorado ao seu lado um violão e um ventilador de chão. Mica também tinha um manequim de costura, e outra máquina de costura no ambiente.

Lembro-me de quando cheguei lá ele se sentou à frente de sua mesa em uma cadeira de rodinha preta e pequena, e me ofereceu água, como era um dia muito quente. Ele bebia em um copo laranja de plástico, com uma estampa de arabescos circenses, amarela vermelha, com data 21.1 marcada. Copo ey que tinha também, pois pertencia a edição da festa universitária Photoshot, Revelia. Infelizmente não fui pois minha colega que me acompanharia não pode ir, mas que desde então continuo com o copo. Já Mica, apesar de não saber se foi a festa, realizou uma performance para um vídeo promocional da festa pois publicou um reels em seu perfil.

No vídeo, Mica realiza uma coreografia utilizando *pois de fogo*¹⁹ em meio a noite, pois mais que o fogo girasse rente ao seu corpo a expressão de Mica era serena, parecia realizar os movimentos com facilidade de forma fluida e rítmica, mesmo em um momento em que pendia seu corpo para trás enquanto girava os *pois de fogo* muito próximos de si era calmo, sua postura firme, porém não engessada. Junto ao movimento da câmera que saía de um plano de corpo todo a close ao seu rosto, parecia evocar uma sensação etérea aos movimentos tão fluidos com o fogo em meio a noite fechada. Mica usava um maiô claro que parecia ser azul, por baixo dele uma Meia-Calça Fio vermelha, calçava um coturno preto, na parte de cima também dentro do maiô vestia uma camiseta de mangas $\frac{3}{4}$ preta de gola canoa, em seu pescoço vestia um tipo de tule feitos de pregas de tecido vermelho, muito pequeno. De maquiagem, havia pintado seus lábios de vermelho, alongando as ponta até a metade de suas bochechas, não formando um sorriso arqueado, mas como um um risco, como se fosse um

¹⁹ O *poi*, conhecido também como *swing poi*, é um instrumento do malabarismo e circo. Geralmente formado por uma corda com uma bola e fitas coloridas na ponta, o performance segura uma ponta da corda com as mãos, movimentando o objeto usando o peso da outra ponta. No caso do *poi de fogo* o objeto na ponta da corda é incendiado, no entanto o resto da corda não se incendia.

espinho, e seus olhos pareciam flores, abaixo deles estava colados um material vermelho parecido com papel, que pareciam pétalas, e nos cílios superiores vestia longuíssimas extensões.

Mica era uma pessoa expansiva, como ela disse para mim no dia, que adorava falar, as vezes me deixando a imaginar se poderia ler minha mente, pois em algumas momento ela dizia “[...]vou entrar em uma coisa que você não me perguntou, mas assim [...]”, respondendo perguntas que pudesse lhe fazer.

“Sabe que eu não havia percebido antes dessa entrevista, que a maioria das roupas que eu tenho são da minha família.”. *Roubadas*, segundo ele disse, de seus tios, de seu pai e sua mãe, por diferentes motivos. Uma peça que ela gostava muito e utilizava com frequência era a calça roubada de seu tio, que por sua vez ganhou de outro tio, que havia ganhado na época em havia trabalhado na Petrobras²⁰. Era uma calça tom verde escuro e saturado, com uma faixa branca no bolso traseiro da esquerda. Feita de um jeans muito grosso, não possui botões ou zíper em seu cóis, seu cóis era drapeado e elástico, junto dele havia um cordão preto com pontas soltas, permitindo ser amarrado para segurar a o cóis da calça em quem a utilizava em diferentes alturas do quadril e cintura. Possui ainda 4 bolsos bem fundos. Mica apreciava muito essa calça pela possibilidade de usar ela em diferentes alturas dependendo quão apertado ou largo usava seu cordão, o que permite a Mica criar diferentes silhuetas Também, por seu tecido ser muito resistente, lhe permitia se jogar no chão sem medo. Ela era uma pessoa muito ativa, então a amplitude de movimento que uma peça lhe permite é algo muito importante, tudo que lhe *agarrasse* em seu corpo ou que limitante seus movimentos não funcionava para ela.

Mica disse que sua família era *tradicional*, e que eles tiveram dificuldade de lidar com a sua transição. E que *infelizmente na bula da testosterona não dizia que suas calças não iriam mais lhe servir*, e que em um momento ficou com apenas duas calças que lhe cabiam durante o inverno. Em um momento em que suas calças estavam sujas e seu tio havia viajado e deixado umas roupas para trás, ela resolveu ver o que lhe servia. No armário de seu tio haviam vários pares iguais desta mesma calça, e pegou uma pois seu tio não estava as usando. Para sua surpresa ao usar a calça da Petrobras, ela passou a ser tratado por seus pronomes corretos por sua família. Não entendia bem como outras pessoas classificam o que seria uma roupa de mulher e uma roupa de homem, no entanto quando vestia a calça de seu tio, o que

²⁰ A Petrobras é uma empresa de capital aberto, com o acionista majoritário o Governo Brasileiro, no ramo de petróleo. PETROBRAS. Quem somos. Rio de Janeiro, Petrobras, 2025. Disponível em: <https://petrobras.com.br/quem-somos/perfil>. Acesso em: 25/05/2025.

pensava ser percebida como uma *calça de homem*, e também porque era a calça que eles viram seu tio usar, pensava que as pessoas teriam um *click* que mudasse como percebiam Mica, ele disse que até mesmo seu tio, ex-dono da calça, ao lhe ver usando esta calça *tinha um clique* e mudava o seu tratamento.

A mudança de tramento que recebia também se aplicava a outras roupas, disse que havia percebido que se usava roupas mais apertadas e com vários detalhes as pessoa lhe tratavam mais pelos pronomes femininos e dentro de uma caixa de mulher cis. E se usasse roupas mais largas e com menos detalhes, já não era tratado dentro dessa caixa. Ele percebia isso principalmente em ambientes do seu dia a dia, como no postinho, no curso que realizava e com sua família, ambientes que eram em absoluto ou quase em absoluto de pessoas cis. Mica disse que não percebeu isso facilmente, mas que notou com o tempo as diferenças no tratamento que recebia de acordo com as roupas que utilizava. Ele disse que, muitas vezes tinha de *calcular*²¹ para se vestir para sair na rua, pensando quanto de stress conseguia aguentar no dia, o que variava conforme se sentia no dia. Em dias que tinha mais disforia, se vestia da forma que achava que teria menos chances de ser tratado de forma diferente do que se identificava, já quando se sentia mais confortável consigo mesmo, ele se importava menos pois se sentia menos afetado pelo tratamento de outros. No entanto, quando estava com outras pessoas trans e LGBT, essa dinâmica não se aplicava, ele sabia que seria respeitado independente de como se vestia. Tinha menos preocupações. Eram nesses espaços que realizava suas montagens que mais brincavam com peças e silhuetas diferentes, ele disse que gostava de se vestir de modo a causar dúvida do que era.

E aí tem uma combinação de roupas que eu gosto muito, que é um binder com esse sutiã de renda por cima. E eu amo muito usar isso aqui e amo muito usar isso aqui e é aí para mim também, entra no... porque na minha cabeça e enfim na minha vivência como eu já falei várias vezes. Eu entendo que é isso, que dependendo da peça de roupa, as pessoas tem uma leitura diferente sobre mim. E aí nos lugares que eu me sinto seguro, eu gosto de brincar com isso e eu gosto de tentar quebrar com isso e tentar confundir as pessoas. Então eu gosto muito desse contraste assim. Que tipo, isso aqui surgiu? Numa apresentação... tipo agora eu uso sei lá... não no dia a dia de dias assim, mas eu uso para sair de noite e principalmente assim. Mas surgiu num número que era sobre peças de roupa. Teve uma... eu apresentou um show que é o Freak Circus e aí num dos Freak Circus a temática era praia. A

²¹ Nesta nota quero esclarecer ao leitor que apesar de Elevelin e Mica usarem termos semelhantes, não conversei com Mica sobre esse fato a Mica, apesar de ser possível refletir a recorrência desta percepção não há dado suficientes aqui para maiores desenvolvimentos acerca a percepção de calculo de preocupações na experiência com roupas de pessoas não binárias.

gente fez uma temática verão e praia. E eu apresentei com outras duas pessoas não binárias também, e uma das pessoas ama praia, ama usar biquíni, muito confortável e a gente quis brincar um pouco com isso. E nesse número, enquanto tinha essa pessoa que estava super bacana, confortável, eu e a outra pessoa que somos as pessoas que não se sentem confortáveis em praia por causa das roupas, por causa dos formatos de roupas, por não se sentir confortável nem com biquíni, nem com sunga enfim varias coisa assim. A gente fez um número no qual a gente começava a catar várias peças de roupas e várias peças de biquíni, calcinha e várias coisas assim, a gente começava a sobrepor tudo e tirar e colocar de formas diferentes assim. E nesse dia foi muito legal, porque tipo, eu usava, sei lá, uma calcinha de biquíni na cabeça, aí eu colocava o binder, mas colocava o sutiã, mas colocava biquíni e colocava muitas coisas assim. E daí disso surgiu essa sobreposição e eu achei que foi uma coisa muito interessante e eu me senti muito bem dessa forma, assim, sabe?

Mica disse que aprendeu a comprar roupas com sua família e com sua avó, e que se sentia desconfortável com a ideia de ir numa loja e comprar uma peça 36, qual era sua numeração, mas que como era o que que tinha sido ensinado não sabia que poderia experimentar coisas diferentes. Mica disse que o processo de frequentar brechós, sozinha e com seus amigos e também suas influências de sua prática circense, assim como drag, permitiram ela experimentar com diferentes silhuetas.

Ela disse que começou a frequentar brechós indo a brechó de igreja e brechós de hospital, os quais lhe eram financeiramente acessíveis. Ela disse que a própria organização dos brechós lhe fazia experimentar peças de diferentes tamanhos, pois num brechó as peças não eram organizadas por tamanhos, muitas vezes estando em pilhas²². Ao ir com amigos, que tinha corpos de tamanhos diferentes, passava pela experiência onde um amigão vestia uma roupa que não lhe servia e entregava para ela provar que Mica gostava.

Mica disse que outro fator que lhe permitiu expandir seu gosto foi começar a procurar roupas que funcionem para o palco ou mesmo referência para figurinos como referências de figurinos de séries. Por causa disso começou a consumir conteúdo drag vendo

²² No brechó da Igreja da Santíssima Trindade, em frente a praça Santos Dumot, conhecida como Praça do Pida, as peças são organizadas dentro do espaço retangular, em estantes, cestos empilhadas, as vezes sendo separada por gênero, porém devido a frequente movimentação de pessoas acabam se misturando. Poucas peças como Blazer, Vestidos de formatura e bolsas ficam em araras de cabides e cabideiros. Neste brecho, também são encontrados joias, bijuterias, louças, livros entre outros artigos. Descrevo aqui, para o leitor que não frequentou brechós, um exemplo da organização de um brechó similar. Descrição feita através de visitas realizadas ao brechó em 2024.

todas as temporadas de RuPaul's Drag Race²³, ver o universo drag que é essa explosão de cores e de expressão e de formatos diferentes

Eu comecei a pesquisar a drag locais, enfim, comecei a entrar nesse universo e também foi junto com o meu entendimento como uma pessoa não binária e eu acho que veio principalmente daí o entendimento de “nossa, dá para brincar com o formato do corpo através de roupas”. Então veio por meio dessas referências de arte mesmo e de algo que é feito para palco e eu entender que no meu dia a dia eu gosto de me expressar dessa forma também.

Após essa fala, novamente ele disse querer dizer algo que não havia me perguntado, mas “[...] assim que várias vezes o que me faz sair de casa?”, quando estava sem energia, elu monta um *look*, isso é algo que gosta muito de fazer e lhe faz bem.

Mica me mostrou um casaco jeans bege, dizendo que havia roubado de seus pais pois eles teriam vários casacos grandes que segundo eles *estariam fora de moda*, mas ele gostava por achar essas peças confortáveis. Ele disse que muitas destas peças eram antigas, porém não era algo que lhe importava. Disse que a maioria de suas peças eram peças básicas, o que para elu significava cores neutras e sem detalhes ou estampas, pois eram as que mais encontrava em brechós, e que eram mais baratas, porém isso não lhe importava, pois sabia que sempre poderia utilizar acessórios juntos com essas peças.

Uma das primeiras peças que comprou no brechó, e que era uma das únicas que ainda lhe servia depois de começar a usar testosterona era uma calça de alfaiataria bege de um tecido leve cujo có se ajustava acima de seu quadril e tinha um caimento reto, era frouxa, porém ainda sim seu tecido não se amassava, não permitindo ver a silhueta das pernas de Mica dentro dela. Logo abaixo do có haviam 2 pregas em cada lado e ao lado dela o um bolso quase invisível visto de frente, acima das pregas em cada lado haviam 3 passadores, o có parecia ser fechado por um gancho por dentro da calça porém mal era visível assim como o zíper da frente que era tampado, permitindo ver apenas uma pequena parte de corpo branco. Na parte de trás da peça havia dois bolsos embutidos em cada lado, que eram fechados por cada um pequeno botão creme. No có na parte traseira haviam dois passadores, centralizados mais entre os bolsos e gancho da calça. Quando Mica vestiu a calça para me mostrar elu havia

²³ Na site de Streaming Netflix, o show é sobre “Queens competem por dinheiro e pelo título de Próxima Superstar Drag da América neste programa vencedor do Emmy, apresentado pela mother de todas as drag mothers, RuPaul.”. NETFLIX. Rupaul Drag Race. Los Angeles, Word of Wonderland, 2009. Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/70187741> e <https://www.instagram.com/rupaulsdragrace/>. Acesso em: 13/05/2025.

dobrado a barra da calça acima de seu tornozelo, ele não disse que costumava apenas a usar desta maneira ou se a usava também desdobrada.

Mica trouxe ela de seu cesto de roupa suja para me mostrar, depois procurar em sua cama e no varal, ele me disse que amava essa calça, então sempre a usava, e justamente estava no cesto que logo que usava botava para lavar para usar de novo. Mas, o mais importante para Mica era que era uma calça confortável. Quando lhe perguntei, ele disse que não sabia dizer o que era, apenas que era muito confortável. Para ele essa peça se encontraria num ponto divisor de sua experiência com roupas, que haveria um antes e depois dela. Ele me disse que até a pandemia escolhia suas roupas, mas na verdade não escolhia, pois antes iria sempre comprar roupas com sua família, geralmente sua avó, e na verdade não sabia muito bem o que realmente poderia comprar ou vestir, sabia que seu corpo tinha um tamanho e então comprava roupas para esse tamanho, pois foi o que lhe foi ensinado, e sempre antes de comprar ou vestir perguntava o que sua família achava, que usava por vários anos, mesmo depois que não gostasse dessas peças. Ele disse que sentia muito desconforto em roupas do tamanho de seu corpo, mas na época não sabia dizer o que era, porém sabia que lhe incomodava.

Era uma calça de alfaiataria bege, de um corte reto com pregas próximo a cintura, seu tecido era flexível porém ainda estruturado, e estava um tanto desgastada. Comprada num brechó, Mica me trouxe ela de seu cesto de roupa suja depois de procurar em sua cama e no varal, ele me disse que amava essa calça, então sempre a usava, e justamente estava no cesto que logo que usava botava para lavar para usar de novo. Ele disse também que esta calça era tão boa que era uma das únicas que não lhe parou de servir depois que começou a tomar testosterona. Mas, o mais importante para Mica era que era uma calça confortável. Quando lhe perguntei, ele disse que não sabia dizer o que era, apenas que era muito confortável. Apesar de seu desconforto com suas roupas, não sabia o que mais vestir, sabia que haviam outras roupas, além daquelas que comprava com sua família, mas não sabia como combiná-las. Comprada num brecho, a escolheu porque era social, pois ele tinha a referência de ver outras mulheres cis a época utilizando peças sociais e de alfataria (ele na época ainda se considerava mulher cis, e o que havia aprendido era usar de referência eram peças que outras mulheres também utilizavam), porém diferente das roupas que já tinha essas peças não eram colada e lhe davam liberdade de criar uma nova silheta.

Em meu diário de campo, realizei anotações sobre a consciência de Mica sobre como ele foi ensinado a se vestir, pois esta era uma pergunta que realizava a meus interlocutores “como você aprendeu a se vestir?”, porém dentre eles, Mica era o mais direto sobre isso.

Apesar que outres também falaram da influência de sua família, Mica apontava que em épocas de sua vida, se vestia de determinada maneira porque era aquilo que havia sido ensinado.

2.4 HOW'L MOVING CASTLE - AIDEN ROWL

Quando nos encontramos em sua casa, ele me perguntou, como lhe encontrei, disse que assim como outros interlocutores, que achei-o por meio do instagram, vendo as listas de seguidores das pessoas não-binárias e trans que já conhecia. Aiden possui uma conta fechada, quando lhe chamei apenas pude ver seu perfil e bio, não me lembrava de conhecê-lo, porém ele me disse após nossa conversa que havia me visto algumas vezes na UFSC e em algum Ballroom (acho que o fato de ter o cabelo quase sempre pintado de uma cor chamativa contribui a isso).

Demorou alguns meses até poder finalmente me encontrar com Aiden pessoalmente, pois ele estava em um processo de mudança de moradia, porém ele me disse que tinha muito interesse em participar de minha pesquisa e que havia achado importante o tema. Como havia me pedido quando primeiro conversamos (enviei meu convite dia 13 de Agosto), chamei-o de volta no início do semestre para saber se estava disponível para uma conversa, nós marcamos uma data, porém no dia anterior, ele me disse que havia machucado o pé e deixamos para marcar quando tivesse se recuperado, quando finalmente conseguimos marcar, acabei descobrindo que não morava longe dele, então sugeri que ele se sentisse confortável, poderia ir a casa dele se ele achasse conveniente, ele concordou.

Peguei um Uber de manhã cedo para o bairro Ipiranga. Naquele dia segui o conselho que recebi de Xanda, a professora com a qual na época tinha aulas de Seminário de Escrita, e descrevi o que estava vestindo em meu diário. Como o dia era já quente procurei algo curto, coloquei um cropped preto feito de uma malha que permitia minha pele respirar, um shorts de alfaiataria de cor terrosa bem curto e que caia solto no meu corpo, calcei uma sandália de tiras de couro e de acessórios vesti alguns colares de aço cirúrgico, minhas argolas nos meus piercings e nos dedos apenas meu anel de namoro, pois apesar de gostar de muitos anéis é incômodo para segurar uma caneta.

Era um dia bonito de primavera, o sol forte o seu limpo, nunca havia ido ao Ipiranga, me pareceu no Uber um bairro mais residencial, porém eram poucos os prédios altos, haviam mais casas e prédios menores de 2 a 3 andares.

Aiden morava num apartamento que se dividia em dois pisos, que também dividia com outra pessoas, no andar de baixo era a cozinha e um banheiro e no andar de cima seriam

os quartos pelo que vi, fizemos a entrevista em seu quarto sentados em sua cama. Seu quarto era pequeno, com uma cama de solteiro junta a parede direita, na ponta havia seu colete de alfaiataria verde e creme, uma camiseta, ao pé da cama havia um cabideiro coberto principalmente de casacos, alguns em sua maioria pretos e verdes, na parede oposta à cama havia uma pequena escrivaninha de madeira com um notebook coberto completamente por diversos adesivos que não observei bem, essa ficava ao lado de uma janela qual estava aberta e junto à escrivaninha havia um pequeno móvel como uma estante, onde havia vários livros, e em cima havia alguns objetos que não época não consegui me recordar bem, mas que na hora me remeteram a aqueles utilizados por wicca ou na astrologia, e um vinil do THE MIST. Em cima da cabeceira da sua cama colado na parede de seu quarto também havia um desenho abstrato e azul, na outra parece também haviam outros desenhos que infelizmente não consegui me recordar.

Aiden é uma pessoa baixa e de acordo com ele pernas curtas, o que lhe causavam a incomodação de ter de sempre ajustar as barras de suas calças. Bronzeado, disse que se reconhecia como uma pessoa branca. Ele estava com o cabelo amarrado num coque deixando apenas algumas mechas da franja soltas quais as pontas eram verde, seu cabelo natural parecia ser castanho, assim como seus olhos. Elu tinha varios piercings; bridge, na sobrancelha esquerda e septo e cicatrizes do que pareciam ser alguns dermais no rosto, usava dois alargadores de espiral, o esquerdo era transparente e o outro era preto, tinha ainda o segundo furo da orelha e um helix da orelha esquerda e um daith. Naquele dia ele vestia um cropped cor creme e um shorts de malha.

Aiden era o nome de um personagem do jogo Beyond Two Souls, qual jogou muitas e muitas horas era um jogo “bizarro”, protagonizado por Eliot Page antes de assumir trans, qual contracenava com essa criatura chamada Aiden. “Quando vi eu pensei que era o nome mais bonito que vi na vida[...] falei para os meus amigos que quando tivesse coragem, assumiria esse nome para mim, mas aí meus amigos disseram que não, que esse era eu, eu era Aiden”. Rowl é outra maneira de se escrever o nome Howl, disse-me enquanto manuseava em suas mãos um box colorido dos livros que haviam sido de inspiração para Hayao Miyazaki²⁴ criar uma das mais belas animações do cinema japonês, que também trouxe a Aiden seu segundo nome. O Howl dos livros era mais cafajeste que o do filme, confessou-me, mas mesmo assim amava os dois, e quando viu como Rowl combinava com seu outro nome, sentiu muita euforia, pois se via ali. Pois era um personagem dramático ao mesmo tempo que era encantador. Em uma das cenas do filme, Howl acaba com o cabelo de uma cor diferente, o

²⁴ É um artista japonês fundador do Studio Ghibli.

que o faz ficar profundamente deprimido e dizer “I see no point in living if I can’t be beautiful” (“Eu não vejo o ponto de viver se eu não posso ser belo”, tradução livre). Aiden disse que já teve várias cores de cabelo, que já teve o cabelo vermelho, roxo e agora tem verde, que possibilidade de se expressar era muito importante para si. Assim escolheu ser Aiden Rowl.

Muitas experiências importantes para seu autodescobrimento tanto em estilo, sexualidade e gênero surgiram no colégio. Disse que costumava ir ao banheiro de meninas no ensino médio na hora do intervalo apenas para poder observar a menina de sua classe que gostava. Admirar o quanto era bela. Aiden Rowl me disse que foi ela a pessoa que lhe fez primeiro questionar se era lesbica, o que ocorreu muito antes de se descobrir não-binário. Que sua mudança de colégio no primeiro ano do ensino médio, foi muito importante para ele, pois foi onde passou a conviver com mais pessoas LGBTQIA+, e onde criou amizades que marcaram sua trajetória. Neste período descobriu o que era não-binário, e que haviam mais possibilidades do que imaginava. Foram seus amigos da época, que ao confessar a eles o nome que disse querer seu, lhe disseram que a partir de agora iriam o chamar de Aiden, e que era agora seu nome.

Aiden disse que por algum tempo apenas observava mulheres que achava belas, e outras pessoas LGBTQIA+. Desejando poder ser como elas, bonito como elas, porém em um momento, algo mudou, ele me disse “[...] quando você percebe que pode fazer as coisas [...] existiam outras coisas [...] podiam ser outras coisas”, percebeu que ele poderia também ser como aqueles que admirava. Isso lhe deu coragem para se expressar e se vestir de formas diferentes como as pessoas que conheceu na escola, como para cortar seu cabelo, fazer tatuagens, colocar piercings.

Necessário era essa coragem para lidar com seus pais, principalmente com seu pai, que era mais conservador, o qual gostava que seu filho tivesse cabelos longos, pois era *algo de mulher*. Disse que para cortar seus cabelos, teve de ir de pouco a pouco, empurrando os limites do que era aceitável em seu ambiente familiar. Apesar disso, disse que “[...]com a consciência de agora[...]

 podia refletir sobre sua adolescência, e ver a influência de seus pais em seus gostos. Seus pais gostavam muito de Rock, MPB, seu pai dizia que as bandas antigas eram melhores, mas também o levaram a shows.

Quando era adolescente, era considerado um “[...]esquizado, que ouve essas músicas estranhas e veste preto [...] diferente do padrão que escuta pop e sertanejo[...]

”. Por vestir sempre roupas pretas com as calças jeans coladas e blusões largas, e lápis de olhos preto sob

seus olhos. Ele disse que só muito mais tarde passou a perceber que de certa forma essas roupas eram um *escudo*, que escondia *quem realmente era*, qual não sabia no momento.

Eu lembro que eu estava no ensino fundamental principalmente eu usava muito um casaco que eu peguei do meu pai, que era alguma dessas roupas sabe que eram mais antigas, que tinham mais qualidade. Era um casaco xadrez assim que te acho que sido feito pelo avô ou bisavô dele. Eu usei ele tipo, eu usava ele todos os dias para ir para a escola por muitos anos, assim ele até (inaudível) mais e era a minha forma... e era um casaco grandão que eu usava... E aí tipo mesmo... a escola. também passou por vários processos de roupa que pode usar, roupa que não pode usar, mas era algo que eu usava de qualquer forma, porque... Não sei, olhando agora, pensando assim, faz muito sentido que eu me sentisse confortável, com uma roupa que iria estar não só escondendo se em do meu corpo, mas que era mais masculina. Que então, olhando agora eu percebo. Que. Iria afetar também a forma como eu era percebido, mas que na época eu fazia porque fazia sentido, mas eu me sentia confortável.

Por muito tempo ele apenas utilizou lápis de olho porque não gostava da ideia de maquiagem, era do contra, e também não sabia fazer. Disse pensar que é um processo que outras pessoas trans e de expressão de gênero não conforme passariam por isso, de acabar não gostando de certas coisas por causa da pressão com que aquilo é imposto, não pela coisa em si, como não gostar de rosa, não pela cor, mas pela imposição dela.

Ao lhe perguntar sobre disforia ele me disse que havia aprendido a gostar de seu corpo, apesar de dizer que queria seios menores, porque sentia que eles eram marcadores sociais que fariam que pessoas lhe identificasse como uma mulher. Quando usava saias longas procurava utilizar casacos maiores, pois se utilizasse alguma peça curta colocaria seus seios em muita evidência. Tinha binders, sendo que o primeiro ganhou doado por uma instituição, e apesar do desconforto em usá-los, ao deixar seus seios mais retos, tinha mais disposição de sair e interagir com pessoas, além de que usá-los lhe fazia se sentir mais confortável consigo mesmo.

Na parte de cima uso coisas que me deixam mais confortável porque o que mais me preocupa é o assédio que eu acabo passando, mas as pessoas me percebendo e me tratando como mulher. Que eu entendi que vai ser inevitável porque a sociedade vai ver esses marcadores sociais e vai me colocar nesse caixinha e não há muito o que fazer sobre isso. Não há como viver com essas expectativas é muito desgastante. Mesmo pessoas trans que tem passabilidade e conseguem fazer cirurgia, hormonização tudo mais que tem uma possibilidade muito grande, as pessoas cis ainda vão dar uma gente de fazer transfobia. [...] Mas que enfim, é minha voz, o formato do meu corpo, enfim são coisas que. Me causam desconforto e não são coisas que eu queira assim “ Nossa, é preciso mudar”. Mas é justamente por causa da visão que a sociedade tem e como eu vou ser tratado de acordo com isso.

Aiden era muito consciente de suas escolhas de roupas, e do julgamento que as pessoas fariam sobre sua identidade baseada nisso. Assim ele procurava balancear seu bem estar, segurança e sua própria satisfação e conforto nas escolhas de suas montagens.

A questão da roupa para mim e ser trans pega em pontos específicos, porque tem que considerar o calor, tem que considerar o estar confortável com a roupa, tipo de caminhar e fazer as coisas do dia a dia, e o de estar confortável por ser trans e como isso vai afetar a forma que as pessoas vão nos perceber e nos tratar. E aí toda vez que eu tenho que decidir roupa, eu tenho que... eu penso nessas três questões, “Assim puts...” Geralmente só consigo atender duas delas e não todas. Porque isso ou eu fico com calor ou eu fico desconfortável com alguma coisinha na roupa, logística coisa assim, ou por causa da forma que as pessoas vão me ver. Tipo isso afeta também nossa percepção do corpo e como a gente se sente sobre isso.

Quando fui conversar com Aiden, ele tinha se mudado recentemente, então ele me disse que era difícil achar peças, pois ainda não havia tido tempo de organizá-las. Porém me disse que seu instagram tinha peças que poderia descrever.

Post do dia 27 de agosto de 2023, com 8 fotos, e a legenda “we’re born at night; so much of our lives; is just carvin’ through the dark”²⁵. Dentre essas fotos identifiquei duas montagens, e uma foto mostra detalhes de uma peça que não pude identificar se pertenciam às montagens.

Na primeira montagem, vestia uma camisa preta de mangas longas; os botões das mangas fechados; já os do corpo da camisa estavam abertos até o 3 dando a aparência de um decote em v; os botões da camisa eram de cor clara e destacavam na camisa. Na camisa havia um renda cinza com detalhes de lantejoulas prateadas que cobria os pé da gola descendo até a altura do segundo botão; também descia pelas mangas até quase a altura do cotovelo. Por cima da camisa usava um cinto tipo corset, e os seus ilhós eram voltados para frente no corpo; a maior parte do comprimento era feita de uma banda de elástico preta da altura de um palmo; e em cada ponta havia uma peça em formato de trapézio (onde a maior comprimento ficava nas pontas) de cor preta; onde nas pontas haviam os ilhós feitos de uma liga metálica prateada sendo 8 para cada lado; qual eram fechados por um corda preta. Em volta do cinto tipo corset estava amarrado frouxamente um corrente fina e escura. Ele usava calças pretas, mas devido a qualidade da imagem não havia como identificar detalhes. No pescoço usava uma gargantilha que parecia renda na qual se prendiam vários fios com um espaçamento e comprimento padronizado, em que suas pontas haviam pingentes pretos e

²⁵ Trecho da música Who We Are do cantor Americano Hozier do ano 2023.

brilhantes em formato de gota, qual seguiam o decote em v da gola dobrada da camisa. Elu usava 4 anéis em na mão esquerda sendo do dedo indicador indistinguível pelo ângulo da foto, o do dedo médio largo e com um pedra arredondada, o do dedo anelar fino e claro com uma pequena pedra redonda, sendo que este não estava na base do dedo mas entre as duas articulações do dedo anelar, e o do dedo mínimo parecia ser feito de uma arame trançado qual possuía uma pedra escura presa a ele.

Já na segunda montagem, vestia uma camisa de mangas curtas, verde claro com uma estampa minimalista de desenhos em linhas escuras de folhas de palmeiras. A camisa tinha um colarinho inglês²⁶, e seus botões só eram fechados no segundo e terceiro botão, deixando um vinco na silhueta, pois tanta a calça larga e preta e a camiseta colada e escura pareciam ser um peça só. Por baixo desta camisa vestia uma camiseta escura e transparente, de mangas longas colada ao corpo de gola canoa. Também vestia uma bolsa, porém esta só aparecia em uma foto onde só suas alças largas e pretas apareciam antes da foto ser cortada. Elu parecia também vestir algo no pescoço, mas era indistinguível pela qualidade das fotos.

A última foto do post mostrava uma ponta de sua camisa que usava na segunda montagem, reconhecível pela estampa, e uma parte da perna vestida de meia arrastão com buracos largos.

No post do dia 20 de dezembro de 2022 e do 17 de janeiro de 2023, usava a mesma montagem, apesar disso, não posso afirmar que as fotos foram realizadas no mesmo dia. Vestia uma camisa amarelo queimado de manga curta, de forma aberta, os botões da camisa tinham o mesmo tom de cor. Abaixo da camisa vestia uma camiseta preta, enfiada para dentro da calça, com uma estampa branca na altura do peitoral, com as formas de uma paisagem 2D²⁷ chapado de cactos, estrelas e uma lua minguante, abaixo a paisagem se lia *wanderer* que se traduz para andarilho. Usava uma *jorts* cargo de comprimento de 3/4, cor verde musgo claro. Além dos dos bolsos mais comuns abaixo ao coz ao lado a costura lateral, na parte inferior de cada perna da calça havia um bolso quadrado comprido e com lapela, qual tinha uma tira em seu centro para fechar os bolsos. Na perna esquerda também havia um bolso mais diminuto, acima do outro bolso inferior, também quadrado e com uma lapela que se fechava por um pequeno botão em seu centro. Usava dois cintos com o *jorts*, um preto e fino com fecho prateado e fino, qual usava no cóis da calça por dentro das passadeiras e um segundo que era feito de uma corrente prateada, que possuíam luas e estrelas entre as corrente, qual

²⁶ Colarinho inglês se caracteriza por ser mais longo com pontas maiores.

²⁷ 2D é uma abreviação para duas dimensões, é um termo sobre perspectiva, geralmente usado ao de descrever filmes e jogos, um exemplo de 2D seriam os jogos de Mario da empresa Nintendo, no começo dos anos 2000.

usava por cima do outro como um colar para cintura. Calçava um All Star branco sem cano, com os cadarços amarrados em laço e meias curtas e pretas que subiam até os tornozelos.

De acessórios vestia brincos grandes (cerca de um 5 a 10 cm de comprimento) e prateado, sendo o da orelha direita com uma forma similar a lua minguante, já o da esquerda de uma estrela de quatro pontas. Vestia um único colar, de uma fina corrente prata que chegava a altura do peitoral, na qual nesta ponta havia um pingente de uma estrela de 5 pontas invertida dentro de um círculo, da mesma cor da corrente. Na mão direita vestia dois anéis, na mão direita; um fino e prata no dedo médio e um prata com uma grande pedra escura e oval no dedo indicador. Já na mão esquerda vestia no dedo anelar vestia uma fino anel escuro que parecia ser um anel de coco, e no dedo indicador vestia um anel grosso e escuro, qual possuía uma forma circular na área que ficava na parte externa da palma porém sem pedra.

3 CONCLUSÃO

Essa conclusão será segmentada em duas partes, a primeira tratando das diversas formas de relação e agências que as roupas têm com os interlocutores e a segunda dos questionamentos e reflexões gerados por esse campo.

3.1 FORMAS DE RELAÇÃO E AGÊNCIA DAS ROUPAS COM OS INTERLOCUTORES

Seria desonesto se dissesse que mergulhei nesta pesquisa sem ter questionamentos pessoais, acerca de minhas próprias experiências e as demais que observei durante minha graduação, mas entendia como estudante que em termos teóricos mal arranharia a superfície de meu tema, quem dirá chegar a alguma conclusão tendo noção do tamanho da amostra. Mas apesar disso não sai das águas de mãos vazias, mesmo que não do que esperava, porém pontuo novamente a limitação deste projeto, e que as reflexões e questionamentos geradas por meio desta Etnografia se limitam as experiências de meus interlocutores e minha experiências com eles, não podendo ser tomada como um dado a ser generalizado para população não-binária de forma ampla.

De diferentes formas e com efeitos variantes em suas transições e em suas demais relações, as roupas participaram de forma significativa nos processos de transição e no autoconhecimento dos interlocutores. Quando me refiro a participação, tomo a palavra como

um termo *umbrella*²⁸ para as diversas formas de relação e agências que estes objetos têm com os interlocutores, podendo citar dentre eles: 1^a) Roupa como objeto dotado de características *funcionais*; 2^a) Roupa como agente do processo de desenvolvimento da percepção; 3^a) A aquisição de roupas e de seu armazenamento como parte da relação entre interlocutor e seus entes próximos; 4^a) Roupas como uma extensão da pessoa. Descrevo aqui, usando dos exemplos apresentados neste trabalho os pontos apresentados acima:

1^a) Roupa como objeto dotado de características *funcionais*: os interlocutores descreveram situações onde sua utilização determinada peça era para cumprir uma função, podendo ser em relação a atuação de seu dia a dia e clima, como para seu bem estar e segurança em ambientes.

Uma das características importante para que Mica gostasse tanto de sua calça da Petrobras, seria por ser larga e de um material resistente, pois como ele era muito ativo, ela lhe permitia amplitude de movimento e que ele sentasse no chão sem se preocupar. Também, ao frequentar o posto de saúde Mica usava roupas “[...]ditas como masculinas[...]” porque tinha certeza que seria tratado pelo feminino.

No dia de minha entrevista com Dani ele me disse que havia escolhido a roupa do seu dia tendo em mente que passaria o dia na UFSC e que o clima mudaria e que suas escolhas de roupas muitas vezes eram *utilitárias*.

Christine apontou também que “[...] é muito difícil usar uma roupa toda preta, gótica irada e tá 30 graus na rua... então não tem como, tem que se adaptar”. De acordo com Christine, o Tribunal Judicial de Santa Catarina possuía um dress code, o qual segundo ela se você não se adequasse não poderia entrar no prédio. Christina disse achar *engraçado* não permitirem bermudas, mas permitirem vestidos, porém não era apenas uma questão de gênero atribuído as roupas e pessoas que as utilizavam, mas o estado das roupas fazia parte da restrição. Ela disse que roupas velhas ou rasgadas não eram aceitáveis para aquele ambiente.

O calor também era para Aiden um dos seus 3 critérios²⁹ que utilizava para escolher suas roupas. Apesar de compreender que poderia ser lido marcadores sociais em seu corpo, o que entendia de certa forma como inevitável, pois para ele mesmo para pessoas com mais

²⁸ Termo *umbrella* ou termo guarda-chuva é utilizado para descrever uma categoria que acomoda diversas categorias menores que compartilham um ou mais características. Um exemplo é a *umbrella* LGBT, que acomoda as trans, demissexuais, entre outras identidades.

²⁹ Calor, conforto e disforia. “E aí toda vez que eu tenho que decidir roupa, eu penso nessas três questões. Geralmente vou vai atender duas delas e uma não, não todas. Porque ou eu fico com calor, ou eu fico desconfortável.”

passabilidade³⁰ ainda seriam lidas de forma diferente de como se identificam por pessoas cis. No entanto sua escolha de roupas ainda sim passava por outras preocupações, além de seu conforto e disforia, independente de outros, mas pela sua segurança pois se preocupava com a possibilidade de assédio além de ser lido como mulher.

2^a) Roupas como agente do processo de desenvolvimento da percepção: entre os interlocutores o processo de desenvolvimento da percepção se inicia com a exposição, geralmente dentro da família, seguida pela exposição à mídia e escola ainda na adolescência. Outras exposições ocorrem de acordo com experiências individuais, como mudar da casa dos pais no caso de Christine, ou a influência do circo no caso de Mica. Os interlocutores relatam pelo menos dois momentos onde sua percepção mudou, sendo geralmente o segundo acompanhado de sua transição. No primeiro momento relatam como foram ensinados a se vestir por sua família, ou como se vestiam antes da transição e desenvolver um modo de se vestir mais consciente. Após a exposição de influências, se inicia um período de experimentação, em qual ocorre o desenvolvimento na percepção, das roupas e suas características, como percebem a si mesmos através de sua relação com elas, como a roupa pode alterar a maneira que se relacionam com outras pessoas e como elas lhes percebem. No entanto, nenhum dos interlocutores relatou uma finalização deste processo, com alguns relatando terem desejos de experimentar ainda novas coisas. Podendo ser visto como um aprendizado ainda em formação ou que seja contínuo ao longo da vida, porém não é possível realizar tais afirmações dentro do limites deste trabalho.

No período de sua vida em que se identificava como mulher trans, Christine disse usar apenas roupas *femininas*, peças que a fariam ser lida como mulher. Porém, conforme passou a se identificar como pessoa não-binária, passou a se afastar desta prática, no entanto ainda continuou a usar roupas para se expressar, como disse regatas *wife beater*, pois sabia como marcavam seu corpo e destacar partes específicas suas, usando da conotação provocativa associada a peça. Suas escolhas se ampliaram quando passou a não mais se preocupar em afirmar a feminilidade, passou a usar suas camisetas estampadas como uma expressão *engraçada* e expressar como se sentia bela e queria ser vista assim, através de peças diversas.

Mica disse diversas vezes durante sua entrevista, que quando mais novo ela não tinha percepção do porque as roupas que vestia lhe causavam desconforto, que na época comprava

³⁰ Aiden Rowl descreve a passabilidade como acesso a cirurgias, porém não indica quais cirurgias. No entanto dentre as cirurgias de afirmação de gênero podem se citar feminilização facial, implantes na mandíbula, mastectomia masculinizadora, uso de silicone para os seios etc.

roupas do *tamanho de seu corpo*, pois era o que lhe havia sido ensinado. Só passou a perceber como roupas poderiam criar uma silhueta, após frequentar brechós, e procurar referências de roupas que funcionam em suas performances artísticas, como também pelo seu contato com Drags.

Aiden Rowl relatou que somente com sua atual consciência, considerando a entrevista realizada em 2024, conseguia refletir sobre como se vestia quando adolescente, que sua montagem era um escudo para esconder quem realmente era, que na época era inconsciente de suas ações.

3ª) A aquisição de roupas e de seu armazenamento como parte da relação entre interlocutor e seus entes próximos: proponho aqui refletir em diálogo a Mauss, como roupas podem ser percebidas como parte da relação entre interlocutores e entes próximos.

Em minha conversa com Mica, ele me disse que até aquele momento nunca havia pensado como a maioria de suas roupas haviam sido presentes de seus familiares ou mesmo que ele as havia conseguido com, e às vezes sem, o consentimento de seus familiares. Christine também me disse de forma similar, que uma quantidade considerável de suas roupas havia ganhado de sua família, e que poucas eram as roupas que havia comprado, mesmo a sua camiseta do PROERD havia pedido de uma amiga. Peças que guardava junto de sua companheira.

No Ensaio sobre a Dádiva (1925), Marcel Mauss apresenta como a troca é meio de formar e manter relações, que ao presentear alguém você acaba criando um vínculo com o outro que sentirá a necessidade de retornar o presente, e assim de forma contínua reafirmar a relação. Apesar de que nos exemplos aqui citados, meus interlocutores não descreveram o retorno das peças que ganharam ou um sentimento de retorno, proponho pensar o ato de ganhar roupas, como demonstrativo de suas relações. Em todos os casos aqui, o presente foi realizado por um relativo familiar ou pessoa de intimidade próxima, como a namorada da amiga de Christine.

Apesar de não haver evidências suficientes para delimitar padrões, ou fazer afirmações, acho relevante levantar a pergunta do porque isso ocorre. Existe alguma característica nas roupas usadas que tornam elas impróprias para doação a pessoas fora do círculo familiar ou íntimo, ou formulando de diferente forma, existe uma característica nessas roupas usadas que pode torná-la diferenciada de peças novas para presentear-las a pessoas íntimas?

4ª) Roupas como uma extensão da pessoa: ao acompanhar meus interlocutores descreverem como o processo de autoconhecimento se entrelaçou junto do desenvolvimento

de seu aprendizado da percepção sobre roupas e como a prática e experiência lhes permitiram usar essas peças para se afirmar e alterar o modo com que elas relacionam o outro. Proponho a reflexão de que essas peças não eram apenas objetos manipulados apenas com objetivo, mas que seriam uma extensão delas. Para refletir sobre isso trago um trecho de admiração para experimentação. "Redrawing Anthropology: Materials, Movements, Lines" (2011) de Tim Ingold.

Nesse modo de trabalho, não é possível separar o corpo-mente, ou mesmo todo o ser, do ambiente. Aqui reside a relevância das palavras de Gregory Bateson em seu ensaio "Forma, substância e diferença" (Bateson 1973:423-40). Ele fala da imanência da Mente no ambiente durante o trabalho. Bateson vê a mente individual como parte de uma Mente maior, que é imanente também em caminhos e mensagens fora do corpo: "A habilidade artística é a combinação de muitos níveis da mente – inconsciente, consciente e externo – para fazer uma declaração de sua combinação" (ibid.: 439). Ele dá dois exemplos: um cego caminhando pela rua usando uma bengala e um marceneiro usando um machado. Em cada caso, há um circuito da mente que se estende além do corpo, para fora dos limites da pele, através da bengala até a rua, ou entre o machado, o ar e a madeira. Ao usar um pedaço de madeira, ou qualquer tipo de ferramenta, é a extremidade mais distante do implemento que está em contato com o mundo material: além dos limites do corpo. Isso torna a ideia de limites corporais bastante flexível. Tanto Gibson quanto Bateson abordam esse ponto. Gostaria de estender a ideia para dizer que, se podemos sentir o mundo através de um pedaço de madeira ou de uma ferramenta, quanto mais diretamente podemos sentir nossos materiais através do contato direto com as pontas dos dedos. (Ingold, 2011, pág. 24-25)³¹

Proponho aqui pensar as roupas através da noção holística de Ingold sobre a percepção. A percepção sobre roupas e sobre si não ocorre de forma isolada, mas em uma

³¹ Tradução livre do autor. Original: In this mode of working it is not possible to separate the body-mind, or even the whole being, from the environment. Here lies the relevance of Gregory Bateson's words in his essay 'Form, substance and difference' (Bateson 1973:423-40). He talks of the immanence of Mind in the environment when working. Bateson sees the individual mind as part of a larger Mind which is immanent also in pathways and messages outside the body: 'Artistic skill is the combining of many levels of mind – unconscious, conscious, and external – to make a statement of their combination' (ibid.: 439). He gives two examples: a blind man walking down the road using a stick, and a woodworker using an axe. In each case there is a circuit of mind which extends beyond the body, outside the limits of the skin, through the stick to the street, or between the axe, the air and the wood. In using a stick, or any kind of tool, it is the far end of the implement which is in contact with the material world: beyond the limits of the body. It makes the idea of body boundaries rather flexible. Both Gibson and Bateson make this point. I would like to extend it to say that if we can feel the world through a stick or a tool, how much more directly can we feel into our materials through direct contact with our fingertips. (Ingold, 2011, pag. 24-25). Disponível em: INGOLD, Tim. Redrawing Anthropology Materials, Movements, Lines. Ashgate Publishing Company. Estados Unidos, Burlington. 2011.

interação do sujeito e seu ambiente, nesta relação se torna impossível isolar as partes, pois é a relação entre elas que permite a percepção.

Assim, seja no processo de introdução e aprendizado sobre roupas na infância e juventude com a família, até na interação durante a vida em outros ambiente, como o balé para Dani e o Freak Circus para Mica, assim com no consumo de mídia³², o desenvolvimento dos meus interlocutores ocorreu na interação em seu ambiente, assim como sua interação passou a ser através de suas roupas. Apesar de estabelecido o aspecto utilitário de suas montagens, elas tinham outros motivos para suas escolhas. Suas montagens não apenas poderiam afetar como se sentiam, mas também como eram percebidos, como elas descreveram em seu relatos, suas roupas alteravam o que elas eram.

Comparando com o exemplo do cego que sentia o ambiente pela contato direto com sua bengala pela ponta de seus dedos em Ingold, aqui os interlocutores percebem si mesmos e eram percebidos pelas suas roupas.

Pode-se levantar a questão de que roupas são peças que podem ser trocadas ao contrário de uma tatuagem, como seriam uma extensão do corpo?

O caráter transitório e temporário do contato das roupas com uma pessoa não é pode ser considerado como um caráter eliminatório para a importância deste objeto, pois da mesma forma poderia se questionar que a infância e gravidez são período temporários na vida de um indivíduo, no entanto afetam um indivíduo durante e depois de sua passagem. Em *Trecos, Troços e Coisas: Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material*, onde no primeiro capítulo “Porque a Indumentária Não é algo superficial”, Daniel Miller realiza uma análise comparativa com exemplos de Trinidad, o Sari e de Londres, do impacto da indumentária na vida de um indivíduo. Ao falar do Sari “[...] uma peça única de tecido inteiramente desprovida de costuras, em geral de seis metros, trajado em arranjos drapeados em volta do corpo.” (MILLER, 2010, p. 37) ele apresenta como esta peça pauta o ser mulher, que a habilidade de uma mulher utilizar tal vestimenta a seu favor é crucial em diversos âmbitos de sua vida. O Sari, é enrolado no corpo de forma específica³³, em qual o pallu “[...] a ponta usualmente solta

³² Tanto Christine, como Dani e Aiden relataram a influência das mídias no desenvolvimento de seu estilo.

³³ O ponto central do sári - o umbigo - dá a impressão de um pivô nuclear em torno do qual gira a harmonia do traje. Aqui as pregas são presas por dentro do cordão da anágua. Cerca de um metro de tecido é ali dobrado, com doze centímetros enfiados por dentro do cordão, contra a barriga. Isso provoca transpiração, e uma zari, ou borda de algodão engomado, pode arranhar ou esfolar a pele,⁹ mas essas sensações também dão a segurança de que as pregas não vão se soltar e cair. As coxas ajudam a definir as graciosas dobras das pregas, que se desfazem em leque entre as pernas. Aqui, mais uma vez, a sensação é assimétrica. As pregas muitas vezes caem da direita para a esquerda, de modo que a primeira prega repousa sobre a perna direita, ao passo que a última repousa contra a esquerda. Contêm-se assim a perna e o joelho direitos, que definem a forma das pregas; mas é a partir da perna esquerda que o sári se curva para dar a volta a partir do meio das coxas até a parte de trás do corpo, repousando em dobras sobre a cintura, às costas, para então ser trazido pelo lado direito como pallu. Desse modo, a curva do

e mais ornamentada do sári, cai por sobre o ombro esquerdo até a cintura.” (Miller, 2010,38) tem a necessidade de manipulação para impedir que parte do corpo de torne seja exposto, mas também é utilizado para diversas atividades diárias, como para segurar uma panela quente ou proteger o rosto de um nevoeiro.

Não apenas o pallu utilizado para acomodar um bebê junto ao corpo; para seduzir um homem o utilizando de modo que possa vislumbrar seu corpo, tocar o pallu do Sari de uma mulher significa um ato íntimo; pode ser utilizado para cobrir um sorriso ou secar as lágrimas mascarando expressões de emoção indesejadas. Daniel aponta que o Sari é muito importante em todo tipo de prática, tarefa e que habilidade ou falta dela, se uma mulher em utilizar ele pode afetar toda sua vida, como mãe, amante e profissional, ele pode ser seu aliado como ser um estorvo em sua vida.

Mesmo que no Brasil não seja utilizado essa vestimenta, pode se comparar o ponto que Miller fala sobre como a habilidade de usar o Sari afeta uma mulher, e como o uso das roupas afeta a vida dos interlocutores. Com o exemplo de Aiden, que faz escolha de suas roupas com a preocupação do assédio, ou Mica roupas largas e de poucos detalhes para poder ser tratado pelos pronomes corretos. Levando em conta os diferentes contextos, o aspecto transitório e temporário das roupas dos interlocutores se contrapõe a como elas afetam sua vivência.

3.2 QUESTIONAMENTOS E REFLEXÕES A PARTIR DO CAMPO

Estabelecido esses pontos observados em minha pesquisa, utilizarei a última parte deste trabalho para trazer aqui questões pertinentes que surgiram de meus interlocutores durante o campo.

Durante minha conversa com Dani, em um ponto ele me disse que “[...]eu percebi que pessoa cis não se esforçam tanto para se conversar que ela são cis, elas não precisam fazer todo esse esforço, né?” e não pude deixar de pensar sobre mim mesmo, pelo menos no momento e nos meses seguintes, sobre quanto tempo ressoava com o que E Levin me disse. Mesmo que não com as mesmas palavras, mas se meu desconforto e sentimento de deslocamento sobre o que seria ser mulher era de fato “normal” ou pelo mesmo não tão incomum.

quadril e da cintura da mulher é acentuada do lado esquerdo. Um leve arqueamento do joelho pode criar uma quebra horizontal nas dobras verticais do sári, dando à mulher uma aparência mais feminina e escultural. (Miller, 2010, 39).

Mas em um momento uma chave virou, será que era uma consciência individual apenas? De quando questionava meu gênero, racionalizando a ideia de ser cis não significa estar ausente de dúvidas e desconforto acerca do seu próprio gênero, será que o sentimento de desconforto era assim tão incomum? Será que essa experiência é assim exclusiva de pessoas não binárias, trans, ou mesmo de pessoas fora de uma performatividade heteronormativa?

A exemplo, pode se analisar a realização procedimentos plásticos realizados em mulheres e homens cis que também são realizados em pessoas trans, porém sem abertamente serem chamados de tratamentos de afirmação de gênero (como harmonização facial, implantes faciais, silicone nos seios...). Existem também outros tratamentos e práticas estéticas realizados em pessoas cis que poderiam ser caracterizados de tal maneira, e que são pela acessibilidade financeira e pela ausência de risco à saúde, mais acessíveis. Como a prática de musculação em academias e popularização do fisiculturismo e de influencer fitness/wellness nas redes sociais, onde a maioria do conteúdo é binário, assim tendo como público alvo homens e mulheres. Este conteúdo é formado por meio de fotos, vídeos, compartilhados temporariamente ou em um período indeterminado dentro de perfis públicos ou privados, podendo possuir legendas de diferentes tons, como curtas e carismáticas até longas e educativas ou mesmo críticas a determinado tópico. Mas o que aborda este conteúdo? O corpo, especialmente o fazer de um corpo, não necessariamente o fazer do corpo da pessoa que gere o perfil ou a quem ele é dedicado. Assim, alguns perfis se dedicam a comunicar com uma audiência (aqueles que veem ou seguem o perfil) sobre um como obter determinado ideal de corpo. Se explica como montar uma divisão de volume de séries nos dias da semana de acordo com os grupos musculares de acordo com o gênero, quais práticas adicionais podem ser utilizadas junto da musculação como vácuo abdominal ou pilates, como determinar que tipo de restrição alimentar aderir baseado no condicionamento físico, idade, gênero e percentual de gordura... E indo ainda mais longe, como funcionam os esteroides anabolizantes, como realizar um ciclo deles, como manejar seus efeitos colaterais, como identificar pela aparência de uma pessoa se ela usa esteroides ou não. E de forma mais recente, sobre as novas drogas usadas para emagrecimento como *ozempic* e *manjaro*, quais efeitos tem no corpo, que pessoas poderiam usá-lo e quem não

O leitor poderia se perguntar, o que tudo isso teria a ver com o que Dani me disse? Minha resposta é menos uma afirmação e mais uma reflexão, um questionamento a partir do que meu interlocutor me trouxe, se pessoa cis não se esforçam tanto para se conversarem que são cis porque realizam todo esse esforço? Porque existem treinos específicos para gêneros,

porque mesmo existe um tipo de creatina específica para mulheres e aumento dos glúteos³⁴? Como Beauvoir escreveu “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, e não é exclusivo a pessoas trans a práticas e procedimentos de afirmação de gênero. Mesmo que aqui tenha me delimitado falar de práticas e modificações do corpo, vejo como necessário questionar ao leitor, será que as experiências de desconforto, autoconhecimento e consciencia da propria performatividade não são experienciadas por pessoas cis?

Christine disse perto do final de nossa entrevista, que gostou muito de ter esse espaço para pensar roupas, algo que quase não discutia, e havia gostado de ter esse espaço para poder refletir isso. Sua colocação me lembrou de um vídeo essay que havia visto, “A internet está acabada”³⁵ pelo Canal We’re in Hell, onde se discute as transformações da internet diante das perspectivas da tomada da inteligência artificial (IA). Ele fala sobre a primeira exibição do primeiro *iPhone* por Steve Jobs e a reação do público à época a aquele novo produto, eram gritos de surpresa e entusiasmo enquanto Jobs mostrava hoje o que seriam as coisas mais mundanas, como realizar o gesto de bloqueio de tela com um deslizar dos dedos ou ser capaz de mandar uma mensagem usando um teclado na tela do dispositivo. Argumenta que apesar de podermos ter em mente como aquele dispositivo seria essa nova maçã do jardim do Éden para época, atualmente tudo isso se tornou mundano.

Proponho que apesar de mudando, a tecnologia apresentada no exemplo não se tornou menos essencial, porém cada vez mais integrada ao dia a dia, sendo um exemplo a Carteira de Trabalho, que parou de ser emitida como um documento físico, sendo agora apenas disponível de forma digital³⁶. No entanto, a genialidade de Jobs estava não na criação de cada uma das tecnologias de sua maçã, mas pela *assembly*³⁷ (Utilizo aqui a palavra em

³⁴ Bigboom Suplementos é uma marca que em seu site vende um produto chamado Creatina 3 em 1 Bigboom qual no banner do site é descrito como “A Creatina 3 em 1 é a mais amada pelas mulheres, força, beleza e aumento dos glúteos. Qual no dia 06 de março de 2025 estava em promoção por 167 reais de seu valor padrao de 219 reais. BIGBOOM. PALHOÇA, Bigboom, 2025. Disponível em: https://shop.usebigboom.com.br/?b4f=ttWX0wnC2G&utm_source=google&utm_campaign=22156898113&utm_medium&utm_content&utm_term&keyword&device=c&network=x&gad_source=1&gad_campaignid=22289041875&gclid=Cj0KCOjw5ubABhDIARIsAHMigha0m4gy5A4kTjXJh0RVGPXLvpLHFnVTo_ahv8U0hu4vm_u9_n4CPkYaAh8aEALw_wcB. Acesso em: 13/05/2025.

³⁵ Tradução do autor para o título original em inglês THE INTERNET IS ALL OVER. WE’RE IN WELL. The INTERNET IS ALL OVER. San Bruno, WE’RE IN HELL, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5gNLViWfCA0>. Acesso em: 13/05/2025.

³⁶ De acordo com o site do GOV “. A carteira de trabalho será emitida de forma prioritária no formato digital e excepcionalmente no formato físico para anotações de vínculos anteriores a instituição do modelo digital.”GOV.BR. Obter a Carteira de Trabalho. Brasília, GOV, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-a-carteira-de-trabalho>. Acesso em: 25/06/2025.

³⁷ A tradução para o português significa assembleia. Utilizo esse termo em referência a noção de assembleia de Anna Tsing, onde ela descreve o termo como as relações multiespécie em um determinado lugar. Disponível em : TSING, Anna Lowenhaupt. O Cogumelo no Fim do Mundo: Sobre a Possibilidade de Vida nas Ruínas do Capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022. Acesso em: 08/07/2025.

inglês considerando os dois significados dela: 1º o processo de juntar as partes de uma máquina ou estrutura³⁸; 2º encontro de pessoas em determinado local com um propósito coletivo. Pois os dois refletem como o esforço de criação do Iphone não foi individual de Steve Jobs.), pois as tecnologias que levaram a esta criação já existiam, porém apenas pessoas dentro de um nicho as conheciam, tal como os atualmente programadores dominam a linguagem com *Python*.

Mas qual poderia ser a relação traçada entre *iPhone* e roupas? Penso que a questão não seja qual seria essa relação, mas o porquê dessa relação, pois essa mesma relação poderia ser tratada com tantos outros exemplos. “Não sentimos falta de algo até não estar mais lá” é uma expressão popular usada no Brasil utilizada para demonstrar o valor do que se possui que só se é notado após sua perda, podendo se referir a pessoas ou objetos, como exemplo a falta de uma geladeira quando ela quebra, assim percebendo a impossibilidade de armazenar alimentos e mantê-los frescos por mais tempo.

Quero propor aqui a reflexão da desimportância gerada na familiaridade. Não sentimos a falta de um *smartphone* até ele quebrar, mesmo que tivéssemos posse das ferramentas que ele possui, como um relógio de pulso, uma calculadora, um telefone fixo, um computador com acesso a internet, é provável que ainda sim sua falta será sentida.

Apesar de que muitas pessoas pensarem sobre suas roupas de forma utilitária como Dani me disse, onde escolhe muitas vezes suas roupas pensando em suas atividades do dia a dia, o clima, existe ainda dentro de suas escolhas utilitárias, as escolhas do que atendem seu conforto individual, como ela disse de não se sentir bem em roupas curtas ou que chamem muita atenção.

“Não é balela esse negócio de tipo você tem que se vestir de certa forma para performar algo que para se reafirmar, sabe? E ainda assim, mesmo eu me entendendo com uma pessoa, não binária, não querendo ser vista ou lida como uma mulher, eu ainda sentia a pressão de... interna e pessoal e também externa. Até certa extensão de tipo ser vista, não ser vista como um homem, então eu ainda assim mantive toda prática para eu usar vestidos” (Christine)

Christine me contou que no momento de sua vida, quando passou a se entender mulher trans, sentia a necessidade de reafirmar sua identidade pela sua performatividade. Mesmo que as roupas possam ser utilizadas de forma utilitária, seria inocente descartar como elas podem afetar o bem estar físico e mental.

³⁸ Tradução livre do autor, original : the process of putting together the parts of a machine or structure. Disponível em: CAMBRIDGE DICTIONARY. Grunge. Cambridge, The University of Cambridge, 2025. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/assembly>. Acesso em: 08/07/2025.

Proponho refletir aqui as experiências de pessoas não-binárias que podem ser usadas para perceber a desimportância pela proximidade dada às roupas e importância delas para o bem estar. Aiden Rowl relatou o como seu conforto era importante quando se vestia, não apenas o físico, mas em como se sentia como trans, em ser visto.

O conforto foi uma característica que se repetiu durante os relatos de Mica, Elevelin e Aiden Rowl. Onde o desconforto não estava apenas na sensibilidade física do atrito pela proximidade do tecido à pele, e com a limitação de movimentos de algum tecido. Mas pela exposição, como uma roupa justa, cria uma silhueta que replica o corpo que veste, dando acesso ao outro acesso à parte seu íntimo. Mica me disse que além de nos gostar de roupas justas por sentir desconforto físico, as pessoas eram mais propensas a não tratar por seus pronomes corretor. Ou como mesmo colocou Dani, não se sentia confortável em utilizar roupas que mostravam a barriga.

A poucos objetos que têm contato tão próximo de nós e que carregamos por tanto tempo conosco, porém que são considerados como dados. O que quero propor vai na mesma direção que Daniel Miller (2010), porém focando dentro do contexto brasileiro. Como Dani apontou, em que momento se criou essa associação de androginia com não-binaridade? Onde está a liminaridade entre as peças que mudam o tratamento que Mica disse? O porquê desta rotulação compulsória da identidade de alguém apenas por sua aparência. Existe alguma mudança para pessoas comuns nas afirmações que Lipovetsky fez em 1987? Ou seria inocente esperar uma mudança de indústria historicamente binarizada?

Essas questões são muito amplas e igualmente pertinentes. Porém espero que ao menos elas tragam ao leitor a oportunidade de refletir sobre as experiências de pessoas não binárias com roupas e também suas próprias experiências. Poder ter agencia de como é percebido é importante, mas esta sempre em conflito pela realização de rotulação compulsória de pessoas cis.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith Pamela. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Taylor & Francis, 1999.

dos Santos, Aleixo Fonseca Bueno. Gênero Desobedientes: a não-binariedade em perspectiva. TCC - Graduação em Ciência Sociais, UFSC, Florianópolis 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251061>. Acesso em: 22 jun.

GOLDENBERG, Mirian. Entrevistas e Questionários. In: _____. A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. São Paulo: Record, 2004.

INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 222–228, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p222-228. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/140192..> Acesso em: 22 jun. 2025.

INGOLD, Tim. Redrawing Anthropology Materials, Movements, Lines. Ashgate Publishing Company. Estados Unidos, Burlington. 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. Império do Efêmero. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. Campinas, Edições 70, 2008.

MILLER, Daniel. Porque a indumentária não é superficial. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013, p. 21-65.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. Cadernos PET Filosofia, Curitiba, v.22, n.1, 2021 (2022), pp. 278-331. Tradução Sara Wagner York. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/88248>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ROSA EPAMINONDAS, Natalia; RODRIGUES JUNIOR, Paulo de Oliveira. Notas para queerizar os estudos sobre Modas não binárias. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 1–20, 2023. DOI: 10.5965/25944630722023e3546. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/23546>. Acesso em: 27 set. 2023.

WITTMANN, Isabel, HONORATO, Isabelle Brambilla. **Transgeneridade, corpo e vestir: a questão do vestuário na construção da identidade de gênero e da corporalidade.** Convención Internacional de Antropología, ANTHROPOS 2015 - La antropología ante los desafíos del siglo XXI. Havana. Acesso em: 13 out. 2023.

WITTMANN, Isabel. A Roupa Expressa a Identidade: Moda enquanto Tecnologia de Gênero na Experiência Transgênero. *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 8, No 1 | 2019.

Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/2018> . DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.2018> Acesso em: 13 out. 2023.